

Jornal laboratório
Jornalismo - UFSC

A doença que ataca só açorianos

Barbuda faz pornografia na Ilha

Agiotagem volta à tona com tudo

Comilões Compulsivos Anônimos

Extra: "O Grito do Bugio"

Editoriais

El niño atrasa o ZERO

O Homem se considera senhor absoluto da Terra. Aliás, de todo o Universo. Se orgulha de colocar a Natureza a seu serviço. Mas agora está recebendo o troco. O único bicho que diz não estar subjogado às vontades da Natureza enfrenta agora sua ira. *El niño*, efeito estufa, tornados e tufões estão nos provando que devemos ser mais humildes ao lidar com nosso planeta. E que muito antes do Homem destruir a Natureza, ela o destruirá. Esta edição do ZERO realmente custou a sair. E toda a chuva que caiu em outubro também é culpada pelo atraso. Ver o resultado da destruição que estamos causando à Terra, nosso *habitat*, é desanimador. Afinal, sabemos que o desequilíbrio climático é causado por nós. Se pensarmos em nossos antepassados bem remotos, lembraremos que dia de chuva é para ficar na caverna, e não para sair e caçar. Será que teremos condições no futuro de lutar pela nossa sobrevivência, ou será uma batalha em condições adversas contra o resultado do que estamos fazendo hoje? *El Niño* é só o começo. Preparem-se para a próxima encrenca que vem por aí: o *Bug do milênio*. É hora de resolvermos os problemas que nós mesmos estamos criando, ou não haverá quem lembre de nós com a mesma distância no tempo que podemos lembrar do homem das cavernas.

Culpa não é só dele

O ZERO, jornal laboratório do Curso de Jornalismo, chegou a ter edições semanais. Hoje a situação é diversa: estamos quase no final do semestre e até agora conseguimos fazer apenas uma edição, apesar de ter sido criada uma disciplina específica para esta atividade. Há algum tempo, o único veículo que os alunos do Curso tinham para criar, expressar e publicar suas experiências era o nosso Jornal Laboratório. Hoje existem os programas *Universidade Aberta* e os laboratórios que criam publicações para empresas, entidades ou instituições. "É muita concorrência para o ZERO", disse um professor aqui do Curso, tentando explicar a falta de motivação dos alunos pelo seu jornal laboratório. Admitir isto seria admitir que uma certa forma de jornalismo, militante, engajado, investigativo, estaria obsoleto - ou que pelo menos não consegue mais encontrar seu lugar ao sol. De certa forma, seria também admitir que estamos perdendo nossa capacidade de sonhar e de nos envolver em situações e projetos que não resultem em renda ou lucro. Esta edição está aqui para provar que o sonho e a capacidade de engajamento desinteressado ainda existem, lembrando que vários alunos que participaram desta edição não estão matriculados na disciplina *Jornal Laboratório*. Trabalharam pelo prazer de fazer um jornal.

Fórum

Mande sua carta ou de preferência um e-mail

O ZERO está entrando em uma nova fase. O novo projeto gráfico é só o começo. As matérias e as fotografias, além do nome de quem as fez, traz também o respectivo e-mail, ou endereço eletrônico. Queremos facilitar o contato do leitor com o repór-

ter. Estamos reinaugurando a seção de cartas, agora denominada *Fórum*. O e-mail da redação é zero@cce.ufsc.br. Entre em contato

com a gente. Mande uma mensagem, reclame, faça sugestões ou elogie, o que também é muito importante.

zero@cce.ufsc.br

Expediente

Quem fez e quem diz que fez

Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina

Capa, Projeto Gráfico, Editoração eletrônica: *Marco Túlio Brüning*. Projeto Editorial: *Professor Henrique Finco e alunos da disciplina Jornal Laboratório Zero - semestre 97/2*. Edição e Copidesque: *Alexsandro Tamanho Vanin, Deluana Buss, Fabio Luis Mayer, Gustavo Klabunde, Marco Túlio Brüning, Murilo José Farias Dalla Costa, prof. Henrique Finco*. Revisão final: *Deluana Buss e Marco Túlio Brüning*. Edição de Fotografia: *Samanta Lopes*. Coordenação: *Prof. Henrique Finco*. Redação: *Curso de Jornalismo (CCE/UFSC), Campus Universitário da Trindade - Florianópolis, SC. CEP 88040-900*. Telefones: *(048) 331 9215 e 331 9490*. Fax: *(048) 234 4069*. E-mail: zero@cce.ufsc.br Fotolitos: *Lasersul*. Impressão: *Editores Gráfica Agnus*. Tiragem: *3.000 exemplares*. Distribuição *Gratuita*. Circulação *dirigida*.

Esta edição do ZERO, ano XIV, número 2, é dedicada ao ilustre Senador Xabilson, pelo seu legado, pela grande obra e contribuições inumeráveis a este Curso de Jornalismo. Não podemos deixar de mencionar também o C.A. Bizarro e os remanescentes da Chapa, Xabilson!

Doença ataca açorianos

Síndrome afeta coordenação motora

De repente você começa a desconfiar que seu vizinho é alcoólatra. Anda cambaleando pela calçada e não consegue articular as palavras. Calma, ele pode não estar bebendo e sim ter nascido com problemas genéticos devido à sua etnia.

Foi o que aconteceu com João Ivo Martins, 71 anos, gaúcho que reside em Florianópolis desde 1967. Descendente de açorianos, ele é portador da Síndrome Machado-Joseph, ou simplesmente Doença dos Machado. "Eu tinha um vizinho que achava que eu estava sempre chapado, por causa da dificuldade para andar. O primeiro sintoma foi há quinze anos, quando eu caí na escada. Fiquei alguns anos tratando meu problema como se fosse labirintite, até meu genro, que é médico, me indicar um neurologista, pois me disse que a doença era na cabeça".

João tem uma doença típica de açorianos, que se manifesta geralmente a partir dos 20 anos. Nele os sintomas apareceram somente aos 56, mas em seu filho Ricardo de Solis Nascimento Martins surgiram já aos 18. A Doença dos Machado compromete vários pontos do sistema nervoso, principalmente o cerebelo, que é responsável por todo o movimento articulado do corpo, como andar, escrever e falar. O comprometimento do sistema nervoso se deve à má formação de um dos 23 pares de cromossomos que o ser humano possui, e pode ser passado de pai para filho. A ataxia - movimentos sem coordenação - é progressiva, com o passar do tempo vai aumentando, até o paciente ficar com a marcha im-

possibilitada, acabando em cadeira de rodas. Até hoje não se descobriu a cura.

A Doença dos Machado foi descoberta há 20 anos numa colônia açoriana em Massachussets, Estados Unidos. A família portadora da síndrome tinha o sobrenome Machado, e como não se suspeitava que pudesse acontecer em outra família, foi batizada com este nome. Mas os Joseph também foram atacados pela síndrome, contribuindo com um segundo nome. O fato dela existir apenas na etnia açoriana ainda é estudado.

Hoje a Síndrome de Machado-Joseph aparece no mundo todo. Santa Catarina tem casos registrados em 10 famílias, e "só não sabemos de mais casos porque ainda existe muito diagnóstico errado por aí", diz Dr. Paulo César Trevisol Bittencourt, único pesquisador da síndrome em Santa Catarina. E acrescenta que a cura está próxima de ser descoberta, pois muita pesquisa está sendo feita. Ainda assim, o único lugar que realiza testes genéticos para identificar a síndrome é a Universidade de Montreal.

O primeiro caso que Dr. Paulo teve conhecimento foi de uma família de Tubarão. O pai foi internado com esclerose lateral amiotrófica, uma doença do neurônio motor. Pessoas com esse diagnóstico não sobrevivem mais de cinco anos, mas depois de dez o Dr. Paulo o reencontrou. Percebeu então que não apenas o paciente, como outros membros da família, apre-

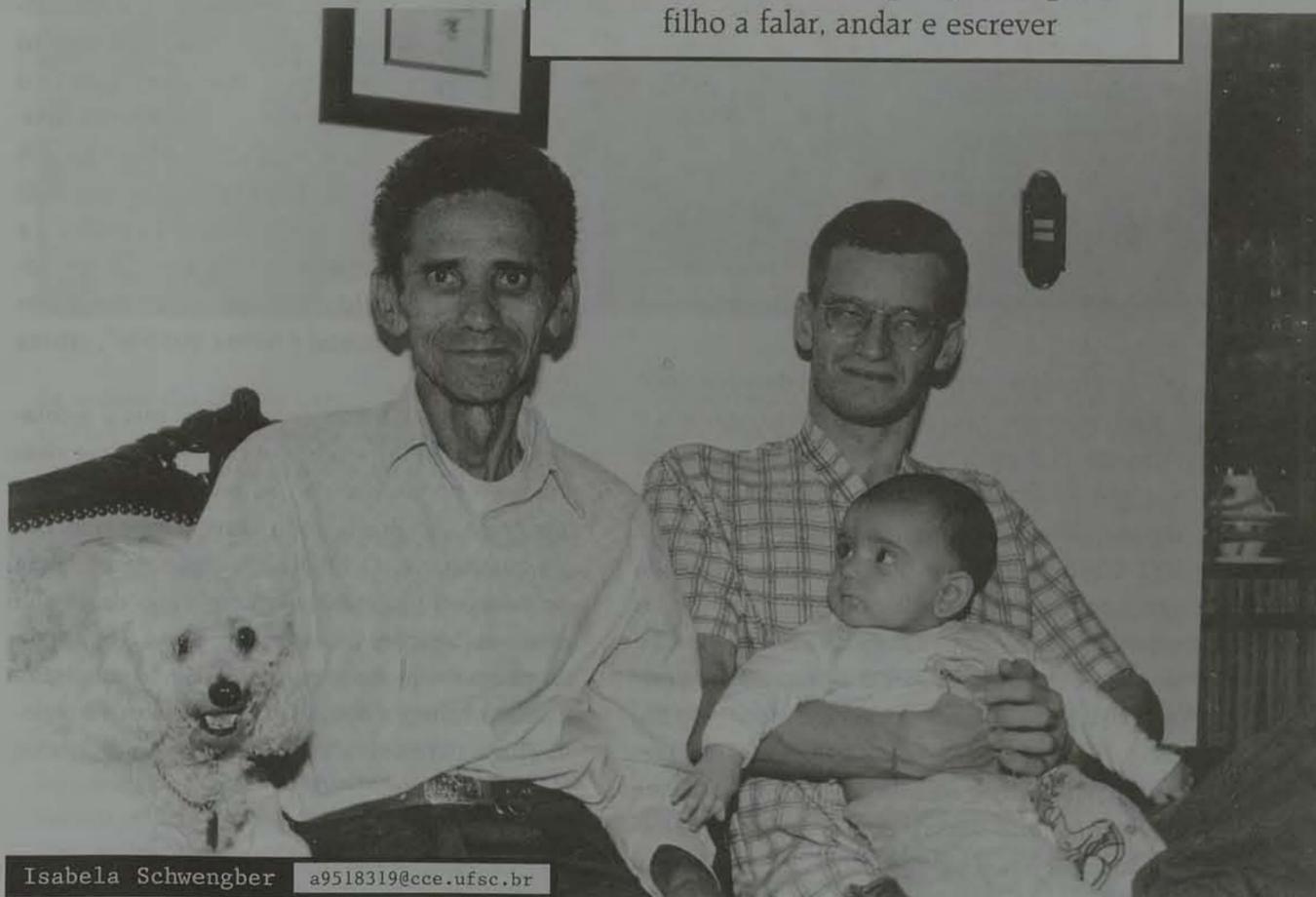
sentavam ataxia. "A Doença dos Machado começou a ser óbvia".

Ricardo, o filho de João Ivo Martins, se formou há dois anos, está casado e tem uma filha de seis meses. "Hoje eu seria tenente se tivesse terminado o curso para Oficial de Polícia, que iniciei em 1988. Aos 18 anos estava no primeiro ano e fui reprovado em Educação Física por causa da péssima coordenação motora. Caso eu reprovasse pela segunda vez, seria excluído. Fui então forçado a pedir meu afastamento e acabei prestando vestibular para Direito. Hoje trabalho como Oficial de Justiça no Fórum de Palhoça".

Ricardo não tardou para começar o tratamento com o Dr. Paulo, mesmo médico de seu pai, que só pode dar o diagnóstico a partir do segundo caso na família. Os medicamentos são apenas vitaminas, principalmente vitamina E, e fisioterapia, para aumen-

Hoje a Doença dos Machado aparece no mundo todo

Vitaminas e fisioterapia ajudam pai e filho a falar, andar e escrever



Isabela Schwengber a9518319@cce.ufsc.br

Isabela Schwengber

a9518319@cce.ufsc.br

tar a capacidade de sustentação do corpo. As visitas ao médico são feitas bimestralmente, para acompanhamento e pesquisa dos sintomas. Ricardo faz fisioterapia há três anos, das 8h às 10h da manhã, e trabalha à tarde. O maior medo que tem é de não poder mais andar e acabar em uma cadeira de rodas. Hoje consegue, com um pouco de dificuldade, falar, andar e escrever, mas ainda dirige bem. O que deixou para trás foi o surf e o futebol.

Seu pai, João, percebeu que a doença estacionou desde o começo da fisioterapia, também há três anos. Apresenta um grau de ataxia menor que o filho, e tem menos dificuldade nos movimentos. Continua dirigindo, mas o jogo de dominó na praça, assim como a pesca e natação, já foram deixados de lado.

Um crime antigo de cara nova

Agiotas modernizam a prática de usura

Novas formas de agiotagem estão surgindo no mercado. Os cadernos de classificados chegam a ter uma seção especial só para quem está interessado em empréstimos. É abrir os jornais e escolher entre os agiotas "tradicionais" ou os que se utilizam de cartões de crédito ou ainda compras em supermercado.

Tradicionalmente, esse tipo de empréstimo ilegal funciona assim: entrega-se um cheque pré-datado, e parte do valor é devolvida em dinheiro vivo (depois de retirados em torno de 20%). Mas, como tudo hoje em dia, essa prática também se modernizou. Se você quiser, pode usar seu cartão de crédito e receber 80% do valor do limite. Apesar de eficientes, tais métodos são os mais fáceis de serem identificados pela polícia. Isto fez surgir um jeitinho bem disfarçado de usura, uma espécie de compra e revenda de mercadorias.

O esquema é simples: você compra com cheque pré-datado uma grande quantidade de uma mesma mercadoria (latas de cerveja, por exemplo), de acordo com o valor do empréstimo, e os agiotas "recompram" por um preço muito mais baixo. Sérgio, que atende pelo telefone 961-4464, jura que isso não é agiotagem. "Estou apenas comprando, tem nota fiscal e tudo", justifica. Além de ser o modo de agiotagem onde os juros são mais altos (40% em média), há muitas questões mal-explicadas.

Uma delas é até onde as direções dos supermercados (foram citados o Comper e o Big

Shop nos telefonemas) sabem que estão sendo palco de extorsões. Claro que os agiotas garantem que ninguém fica sabendo de nada, o que por si só já é uma contradição. Afinal, se não é ilegal, qual o problema de alguém tomar conhecimento? O procedimento descrito é o seguinte: você vai a um supermercado indicado por eles e, depois de pa-

Isto pode significar três coisas: ou o supermercado sabe e é conivente; ou participa do esquema (se a mercadoria não sai de lá, pode ser vendida novamente); ou alguns funcionários, sem o conhecimento da direção, estão facilitando a agiotagem.

Muitos argumentam que a agiotagem não deveria ser crime, pois só recorre ao agiota quem quer. Mas não é bem assim. Primeiramente, os juros são controlados pelo governo e qualquer um que ultrapasse os limites estipulados está cometendo crime de usura. Depois, conseguir um financiamento para pagamento de dívidas pessoais é praticamente impossível, pois há muita burocracia e exigências.

Há também uma espécie de ágio institucionalizado. Segundo o advogado Luís Alves, existem bancos que cobram tantas taxas no cheque especial que acabam ultrapassando os limites do bom senso. "Inclusive estou pesquisando para entrar com uma ação contra o BESC", diz Luís. De acordo com ele, no contrato os juros estão de acordo com a lei (7% ao mês). Mas se o contrato vence e ainda há dívida, os juros passam para 14,7% mensais, além de uma multa de 20% sobre o valor do contrato e juros de 2% ao ano. "É um absurdo, num país onde a inflação mensal é menor que 2%", afirma

o advogado.

O mais curioso disso tudo é que a agiotagem é proibida, sendo considerada crime contra a economia popular. Só que, como em muitas coisas no Brasil, todo mundo sabe mas fingem que não vê. O PROCON, órgão de proteção ao consumidor, recebeu só em julho deste ano 523 reclamações em relação a juros. Foi a maior causa de queixas no mês. Mas não conseguiu tomar nenhuma atitude eficiente, já que a agiotagem é livremente anunciada nos classificados de jornais.

Agiotagem é prática livremente anunciada nos jornais de todo o país.

"Estou apenas comprando, tem nota fiscal e tudo"

gar a mercadoria com cheques pré-datados, tudo é repassado aos agiotas. No entanto, quando o professor H.F. recorreu a esse tipo de empréstimo, não foi exatamente o que aconteceu. Precisando quitar dívidas pessoais, ligou para o fone 971-0243 anunciado num jornal e combinou que a compra seria no Big Shop. Depois de ter pago R\$ 1.196,00 por mais de mil litros de leite e receber R\$ 700,00 em troca, ele se ofereceu para pegar a mercadoria no depósito do Big Shop, juntamente com os agiotas. "Não, não precisa, o leite fica lá mesmo", foi a resposta que recebeu (nota: a direção do Big Shop diz desconhecer estes fatos).

Sabrina d'Aquino a9618338@cce.ufsc.br

A nova justiça no Brasil

Evitar encarceramento é o principal objetivo

Jurandir tem 26 anos e é professor de judô. Em abril de 1995, atropelou e matou uma pessoa. Foi imprudente no trânsito, mas não teve a intenção de cometer o crime. Poderia ter ficado um ano e seis meses na prisão, convivendo com delinqüentes perigosos e privado do convívio familiar. Em vez disso, passou um ano e meio dando aulas gratuitas de judô em um centro comunitário perto de sua casa. Ainda hoje, mesmo depois de ter cumprido integralmente sua pena, continua dando aulas no mesmo lugar, só que cobra uma pequena taxa dos alunos para cobrir os custos com o material didático. Totalmente integrado à sua comunidade, Jurandir hoje dirige com mais cuidado.

Quando se fala em cumprir uma pena por algum crime cometido, a idéia que passa pela cabeça

deve cumpri-las durante oito horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou em dias úteis, desde que não atrapalhem a jornada normal de trabalho.

Eficácia questionada

Em Florianópolis, a prestação de serviços à comunidade foi implantada em 1990 pela assistente social Simone Lisboa Anselmo, com base em um projeto já existente no Rio Grande do Sul. Desde então, 102 pessoas já prestaram serviços à comunidade como alternativa à pena de prisão. Atualmente existem 18 prestadores de serviço na cidade, atuando em algumas das 60 instituições conveniadas, dentre elas hospitais, escolas, asilos, centros comunitários, creches e outras instituições assistenciais que não visem fins lucrativos.

Para Rui Francisco Fortes, juiz da Vara de Exe-

ser aplicada em crimes de alta periculosidade, quando não há outra alternativa a não ser o isolamento do indivíduo. "Nesses casos, o criminoso pode ser uma ameaça à sociedade. Mas não acho que a prisão seja a melhor solução para os crimes considerados leves, culposos, ou cometidos em circunstâncias especiais".

De 3 meses a 100 anos

Para Alessandro, a prisão não atinge um dos objetivos principais relativos às penas: o de ressocializar o indivíduo. "Normalmente a pessoa sai da cadeia pior do que quando entrou", afirma. Alessandro cita o caso de um criminoso condenado a apenas três meses de prisão. Logo no segundo dia, acabou matando um detento, numa reação a uma investida homossexual. Foi imediatamente transferido para a Ilha Grande, presídio de segurança máxima. Foi assediado sexualmente outra vez, e acabou matando de novo. Mais tarde, aliando-se a outros presos, participou de uma rebelião no presídio. Por causa desses crimes e de outras irregularidades, acabou sendo condenado a mais de cem anos de reclusão. Tudo isso poderia ter sido evitado se a pena de prestação de serviços fosse aplicada logo no início.

O Código Penal determina que "o preso conserva todos os direitos não atingidos pela perda de liberdade, impondo-se a todas as autoridades o respeito à sua integridade física e moral". Infelizmente, isso não corresponde à realidade.

O censo penitenciário de 1996 mostra dados alarmantes. O Brasil possui cerca de 150 mil presos, 15% a mais do que em 1994. Para abrigar de forma adequada toda essa massa carcerária, seria necessário dispor de 59 mil vagas extras. Isso significaria a construção de mais de 145 novos presídios, a um custo de R\$1,7 bilhão. O Estado gasta em média R\$ 4.300,00 por ano para cada preso.

Talvez o melhor caminho

A ineficácia da prisão na recuperação do indivíduo é uma realidade admitida. No entanto, se não há outra solução para os criminosos de alta periculosidade, que não podem ficar soltos, os responsáveis por crimes leves ou culposos podem vir a ter outro destino, mais vantajoso tanto para os infratores quanto para a sociedade à qual pertencem. A prestação de serviços à comunidade parece ser o melhor caminho, pois cumpre sua função essencial: a recuperação do indivíduo.

Esse tipo de pena alternativa desestimula o condenado a reincidir no crime e faz com que ele desenvolva uma atividade positiva, além de mantê-lo inserido na sociedade. Mas a principal vantagem é que a pena alternativa não tira a liberdade do infrator. Ele continua trabalhando normalmente, podendo inclusive sustentar sua família.



Daniel Búrigo

a9518309@cce.ufsc.br

As tarefas são atribuídas de acordo com as aptidões do condenado

da maioria das pessoas parece óbvia: prisão. Celas apertadas, condições desumanas. Mas há uma alternativa legal à pena de prisão: prestação de serviços à comunidade.

De acordo com o código penal, esta pena alternativa pode ser aplicada em dois casos: nos crimes culposos, quando o sujeito cometeu um crime sem intenção; e nos crimes dolosos, que têm intenção caracterizada, desde que a pena seja inferior a um ano.

Nesses casos o condenado, que não pode ter antecedentes criminais, deve prestar serviços gratuitos em alguma entidade assistencial ou pública, durante o período de tempo em que ficaria preso caso fosse aplicada a pena de prisão. As tarefas são atribuídas de acordo com as aptidões do condenado, que

ações Penais de Florianópolis, a prestação de serviços à comunidade é uma boa solução. "As condições dos presídios são precárias, não há uma recuperação efetiva", diz. Mas Fortes questiona a eficácia da fiscalização do trabalho dos prestadores de serviço, já que eles cumprem a pena em liberdade.

A fiscalização do serviço é feita pela própria instituição conveniada. O responsável pela entidade deve fazer um relatório mensal informando as datas e horários das atividades cumpridas pelo condenado. Se o prestador de serviços deixar de cumprir suas tarefas por motivo injustificado, a pena alternativa pode ser convertida em pena de prisão.

Segundo Alessandro Nepomoceno Pinto, bacharel em direito pela UFSC, a pena de prisão só deve

Daniel Búrigo

a9518309@cce.ufsc.br

Abandonados no ex-leprosário

Hospital é palco da história de muitas vidas

A placa na entrada diz: “REALIZAÇÃO DOS GOVERNOS DA UNIÃO E DO ESTADO, SENDO PRESIDENTE DA REPÚBLICA O DOUTOR GETÚLIO VARGAS E INTERVENTOR FEDERAL O DOUTOR NEREU RAMOS”. Assim como o Santa Teresa, muitos outros hospitais deste gênero, conhecidos como “leprosários”, foram construídos em quase todos os estados brasileiros por volta da década de 40. Vários existem até hoje, embora não mais com a finalidade de isolar as pessoas estigmatizadas pela lepra.

Durante séculos, o termo lepra teve um aspecto pejorativo e discriminatório. Por esse motivo, o Ministério da Saúde sugeriu a mudança do nome para hanseníase. A hanseníase é uma doença crônica, provocada pela bactéria chamada *Mycobacterium leprae*. O contágio é direto, mas a doença leva de dois à cinco anos para se manifestar, atingindo a pele, os nervos superficiais, o nariz, a faringe e, ocasionalmente, os olhos e os testículos. Em uma de suas manifestações, a pele do rosto fica grossa e encaroçada ou os lóbulos da orelha ficam grossos e se alongam. Em casos avançados da doença, as mãos e os pés ficam paralisados como garras. Os dedos dos pés e das mãos aos poucos ficam mais curtos, como se fossem tocos.

O Hospital Colônia Santa Teresa, hoje com o nome Hospital Santa Teresa de Dermatologia Sanitária, foi construído em 1938 e oficialmente inaugurado em 1940. No início, a colônia chegou a abrigar mais de 600 pessoas, vindas de vários locais do estado, embora a maior parte dos doentes viesse de Laguna e Itajaí. Nesta época, o isolamento era total. As pessoas eram afastadas de suas famílias e os filhos mandados para o Educandário Santa Teresa, chamado também de preventório, localizado no Roçado. Os preventórios eram criados para atender exclusivamen-

te filhos de hansenianos.

O Santa Teresa, assim que foi inaugurado, possuía toda uma infra-estrutura: delegacia, prefeitura, cinema, teatro e até uma rádio difusora. Foi construído nos moldes de uma cidade para evitar que as pessoas - internos, no caso - sentissem vontade de fugir da colônia. Nesta época, não existiam funcionários trabalhando no hospital. “As pessoas tinham muito medo da contaminação. Tanto que até hoje muitos que moram aqui na comunidade de Santa Teresa não passam nem pela frente do hospital”, comenta o gerente administrativo e financeiro do Santa Teresa, João Luís Costa Evangelista. Por este motivo, todo o trabalho dentro da colônia era realizado pelos próprios internos. Muitos trabalhavam

vindo daqui por causa do medo da contaminação”, lembra o coordenador de enfermagem José Augusto da Silva Velho. Esta era apenas uma das formas de rejeição que os pacientes do Santa Teresa sofriam, e talvez uma das mais amenas. A maioria das pessoas que chegavam na Colônia eram trazidas à força pela polícia. Até as décadas de 60 e 70, quando se descobria que uma pessoa tinha lepra, ela era imediatamente afastada de todo o mundo. Geralmente a iniciativa era da própria família do doente, que o colocava no Santa Teresa. Há muitos casos em que o interno nunca mais teve notícias da família.

A partir da década de 70, as internações passaram a ser provisórias. O doente era tratado e ia para casa. Mas os que chegaram antes no Santa Teresa foram obrigados a continuar confinados no hospital:

Velhinhos curtem a solidão: mundo é da janela para dentro



Samanta Lopes

a9618339@cce.ufsc.br

na lavoura, no cinema, na delegacia e até fazendo o serviço de enfermagem, como foi o caso de seu Sebastião Lourenço, que está na colônia desde a sua inauguração.

Outra peculiaridade do Santa Teresa foi a existência de uma moeda própria, que só valia dentro do hospital. “A criação de uma moeda própria dentro da colônia foi uma necessidade. As pessoas que moravam nas redondezas da colônia não aceitavam o dinheiro

as famílias destas pessoas ou já tinham morrido ou rejeitavam totalmente o paciente. Por este motivo, a maioria dos que chegaram no Santa Teresa lá pela década de 40 passaram a sua vida inteira no hospital. Muitos morreram e os que ainda continuam na colônia já estão velhinhos. Um exemplo é o seu Sebastião Lourenço. Ele chegou na colônia em 1940 e foi internado juntamente com a irmã mais nova, que morreu há três anos. Seu Sebastião é da cidade de

"Agora tá tudo jogado, quebrado, abandonado"

Curitibanos. Chegou no Santa Teresa com 20 anos e hoje já está com 77. Durante a sua vida na colônia casou três vezes, mas não teve filhos. No começo, o casamento entre os internos era proibido. Mas num ambiente em que viviam mais de 600 pessoas, uma proibição como esta não duraria muito tempo, e os casamentos passaram a ser realizados na capela da própria colônia. Quando uma interna ficava grávida, ela já sabia que não poderia ficar com o filho. Assim que a criança nascia ela era imediatamente separada da mãe e deixada no preventório. A criança nasce sem a doença, mas pode contraí-la no contato com a mãe.

Até a década de 60, os pacientes eram tratados praticamente com remédios caseiros. Por este motivo, muitas pessoas sofreram mutilações irreversíveis, não podendo mais trabalhar. Naquela década, as freiras da Divina Providência passaram a fazer o trabalho de assistência de enfermagem, indo morar na colônia: foram as primeiras pessoas saudáveis a trabalhar lá. Porém, a partir das décadas de 70 e 80, os pacientes começaram a ser tratados com sulfona, medicamento que, após três anos de tratamento, possibilita ao paciente ter uma vida normal, fora da colônia. A partir daí, ocorreu uma queda no número da população hospitalar. Muitos dos que eram internados, logo iam embora. Outros voltavam para casa de familiares e ainda havia aqueles que optavam por casar e viver fora da colônia, na própria região. Este processo provocou o abandono de grande parte da infra-estrutura do hospital, como o teatro, a rádio difusora e o cinema. *"Sinto saudade do tempo que a gente ia no cinema aqui da colônia. A gente via filmes bons mesmo. Filmes do Oscarito e tudo. Agora tá tudo jogado, quebrado, abandonado"*, lamenta seu João, na colônia desde 1942.

Mesmo com a diminuição no número de internações e o abandono do hospital, algumas pessoas ainda se vêem obrigadas a se internar no Santa Teresa. *"Muitos hospitais gerais se recusam a aceitar este tipo de paciente e acabam encaminhando para cá. Hoje, por exemplo, nós temos uma moça de 23 anos internada aqui na enfermaria"*, fala José Augusto, o coordenador de enfermagem. *"Até os dias de hoje o preconceito é muito forte contra estas pessoas. Há pouco tempo, eu chamei um eletricista para fazer um trabalho aqui no hospital. Ele me perguntou qual era a doença das pessoas e eu falei que era hanseníase. Ele continuou a trabalhar, mas quando eu toquei no nome lepra ele saiu correndo, entrou no carro e não quis voltar de jeito nenhum. Só consegui convencê-lo depois de uma hora"*, conta o gerente administrativo e financeiro do hospital, João Evangelista. Por este motivo está sendo organizado o GPH - Grupo Catarinense Pró-Hanseníase - formado por ex-portadores da doença. A meta do grupo é realizar campanhas contra o forte preconceito que existe ainda hoje.

Muitas foram as histórias ocorridas nestes 57 anos de existência do hospital. Em cada paciente, um prazer em falar sobre a vida das pessoas que por ali passaram, viveram, morreram. Seu Nelson, conhecido como *Lageano*, deu boas risadas contando a história de Dona Maria do Galo. Morando no pavilhão masculino com o companheiro Germano, ele conta que um belo dia o seu parceiro resolveu casar e *"...adivinha logo com quem: Maria do Galo..."*. Ele acabou se mudando para uma casinha com a esposa e depois de três meses encontrou o amigo Nelson. *"Eu perguntei pra ele como tava a vida de casado e ele disse que tava boa. Desde que eles casaram, ele tava dormindo no sofá com os gatos"*, fala seu Nelson, rindo do amigo. E continua: *"Aquele mulher é uma porca. Desculpa eu falar assim, mas ela é mesmo. Dois meses atrás, o diretor teve que arrambar a casinha dela pra limpar, por que o cheiro de podre já tava incomodando todo mundo na colônia. Ela tem mais de dez gatos e vive o dia inteiro com eles dentro de casa. É nojentão!"*

Outro caso ocorrido no começo da colônia é contado por seu Sebastião. *"No começo, quem fugisse aqui do Santa Teresa e fosse capturado, ficava preso na delegacia daqui por 30 dias. A segunda vez ficava 60. Uma vez, um interno fugiu com uma menina que tinha acabado de chegar no hospital e os dois ficaram presos um ano e três meses"*. *"A vida na colônia é assim. Todos se conhecem, falam uns da vida dos outros. Mesmo porque, hoje em dia não há mais nada pra fazer por aqui"*, se justifica seu Nelson. Um dos passatempos de seu Nelson é jogar canastra na vendinha do hospital. *"Lá pelas duas da tarde a turma se reúne pra jogar"*. Na vendinha, o produto mais comercializado é o fumo em corda. *"Se acaba o fumo na vendinha, ocorre uma rebelião na colônia"*, brinca seu João.

Quanto aos sonhos e anseios desta turma, eles são praticamente zero. A maioria não tem mais para onde ir. Passaram a vida dentro do Santa Teresa, conhecem muito pouco do mundo exterior. O que alguns sentem penosamente é a falta da família, que não visita e não procura. Uns têm até o túmulo pronto e só esperam pela morte: *"Já tá na minha hora. A gente queria ter uma vida diferente, mas não deu. Meu único desejo é que eu queria saber ler e escrever, pra poder anotar tudo o que eu tenho aprendido no rádio"*, lamenta-se seu Sebastião.

Tá, mas que doença?

No dia primeiro de junho fui convidada por um grupo espírita de Florianópolis para visitar um asilo em São José. Como fazem em todo primeiro domingo de cada mês, o grupo, do qual participam mais de 40 pessoas entre 15 e 50 anos, leva algumas doações e principalmente conversa com os velhinhos que, segundo eles, são muito carentes. O caminho até o asilo durou pouco mais de uma hora. Durante o trajeto, muito verde, poucas casas e um rio seguindo sempre o lado esquerdo da estrada. Quando chegamos tive a primeira surpresa logo na entrada. O asilo na verdade não era asilo, mas sim um hospital, Hospital Colônia Santa Teresa.

Passeando pelo lugar, conheci a enfermaria. A visão foi um tanto fora do comum. Camas dispostas uma ao lado da outra, a única luz existente vinha de algumas poucas janelas. Todos os velhinhos estavam deitados, com exceção de um. Este me chamou muito a atenção. Com a luz de uma das janelas batendo em suas costas, este velhinho fumava um cigarro de palha, e a fumaça se espalhava por toda a enfermaria. A partir daí começaram as minhas dúvidas. Ao perguntar a um enfermeiro se a fumaça do cigarro não incomodava os outros pacientes, ele simplesmente me respondeu que, com a doença que os velhinhos tinham, proibir o fumo dentro da enfermaria seria acabar com o último prazer que a vida lhes tinha deixado. É, minha curiosidade começava a se manifestar. Mas que doença era essa? Segui meu caminho. Comecei a conversar com aquelas pessoas que estavam ali por um motivo ainda desconhecido por mim. Não precisei de muito esforço para arrancar alguns sorrisos daqueles velhinhos. Na verdade, só precisei sorrir.

Caminei para o segundo pavilhão masculino, onde moram cerca de dez velhinhos. Lá conheci o seu Nelson, um senhor de 56 anos. Seu Nelson está na colônia pela segunda vez. *"Eu vim pra cá no começo da década de 80. Melhorei e voltei pra casa da minha família em Lagés. Agora faz um ano que eu tô aqui de novo. A gente toma, toma remédio e nunca fica bom de vez. Não vejo a hora de eles me liberarem pra eu poder voltar pra casa e tomar um chá dos bom. Esse sim vai me curar"*, reclama seu Nelson em tom de brincadeira. Até aqui tudo bem, mas que doença é essa? E por que as pessoas evitam tanto citar o seu nome? No mesmo pavilhão conheci também seu João. Seu João tem mais de 70 anos e está na colônia desde os 20. Me falou da sua vida pessoal, da noiva que teve antes de ir para o Santa Teresa, da vida no hospital, enfim, falou de tudo um pouco. Com seu João finalmente criei coragem para perguntar qual era a tal doença. E ele, até meio espantado, começou a rir. *"Você não sabe? Não acredito! Ninguém te falou?"* E eu, também espantada, respondi que não. Ele continuou a rir, não sei se para mim ou de mim, mas de qualquer forma desconversou e não respondeu à minha pergunta.

Bem, o horário de visita já havia acabado e eu voltei para o ônibus. Chegando lá, a primeira coisa que fiz foi perguntar. Assustei com a pergunta, assim como fiquei assustada com a resposta. *"Todas as pessoas aqui têm lepra, você não sabia?"*, me respondeu Leonardo, um dos participantes do grupo espírita. É, agora eu já sei. Porém, outra dúvida ronda a minha cabeça. Qual teria sido a minha reação se antes de conhecer o lugar eu tivesse sabido do problema daquelas pessoas? Será que eu as trataria da mesma forma?

Samanta Lopes

a9618339@cce.ufsc.br

Ligue-se. Sintonize-se. Delire.

Grandes nomes da música surgiram no ano de 1967, aditivados pelo ácido lisérgico

Pacifismo, rebeldia e amor. Há exatos 30 anos, estas palavras representavam a síntese de uma geração. Em plena época da guerra do Vietnã explodia o Verão do Amor - *Summer of Love* -, enquan-

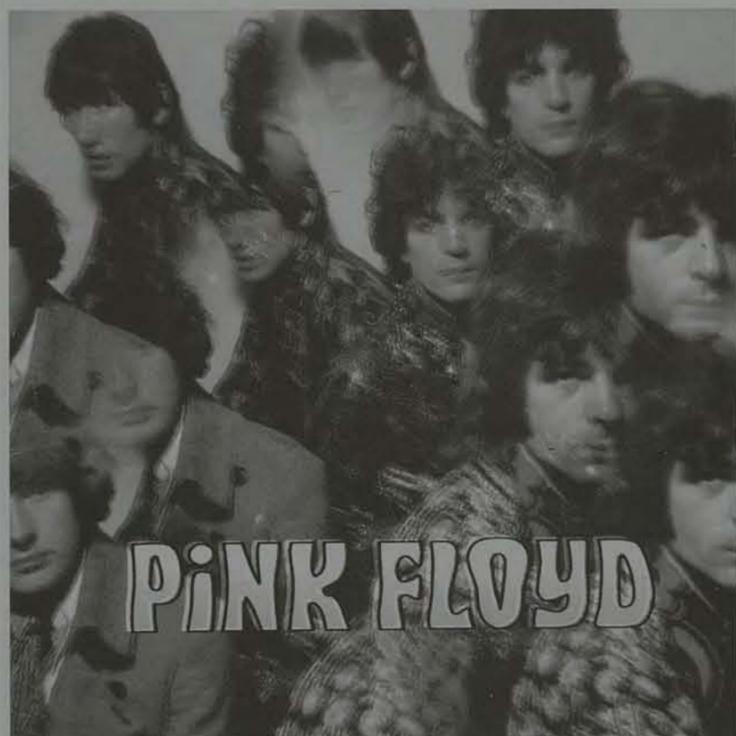
Em São Francisco, nos Estados Unidos, o Verão do Amor foi o auge do movimento *hippie*. Baseado na literatura *beat* de escritores como Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs, os *hippies* pregavam novas alternativas de vida. Grateful Dead, Jefferson Airplane, Byrds e outras bandas forneciam o acompanhamento, fazendo um som inspirado no *rhythm and blues* e no *country*, com guitarras elétricas e experimentalismo. O principal aditivo para esses grupos era o ácido lisérgico, ou LSD. O Grateful Dead chegou a tocar nas *acid tests* promovidas pelo escritor Ken Kensey, que distribuía gratuitamente o ácido para “promover novos estágios de consciência”.

A droga era o carro-chefe de muitos dos lançamentos de 67. A música psicodélica procurava reproduzir as alucinações, abrindo espaço para o uso de instrumentos pouco convencionais para o rock da

época. Cítaras, percussões africanas, flautas, efeitos como gemidos e grunhidos e longas improvisações eram as novidades. Além disso, as letras passaram a falar mais diretamente sobre esse assunto. Na canção *White Rabbit*, do disco *Surrealistic Pillow*, o Jefferson Airplane diz que “uma pílula te faz crescer; outra, encolher; e a que sua mãe te dá não faz efeito nenhum”.

A trilha sonora do paz e amor vinha principalmente de bandas de São Francisco e Los

Angeles. Entretanto, os três principais álbuns psicodélicos, *The Piper at the Gates of Dawn*, do Pink Floyd, *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles e *Are you experienced?*, do Jimi Hendrix Experience, vieram da Inglaterra. A *Swinging London*, como era chamada a capital inglesa, viveu também um período de psicodelismo, mas sem um movimento *hippie* tão grande. No UFO, clube underground londrino, era possível escutar o Pink Floyd improvisando suas



to a música vivia um ano crucial. Nomes hoje quase mitológicos como Jimi Hendrix, Pink Floyd e The Doors, com seu carismático vocalista Jim Morrison, entravam em cena.





músicas, enquanto membros dos Beatles e dos Rolling Stones circulavam entre a platéia.

Conta-se que John Lennon e Syd Barret, do Pink Floyd, trocaram idéias durante as gravações de *Sgt. Peppers* e de *The Piper*. Os dois álbuns foram gravados na mesma época em salas vizinhas do mesmo estúdio, o *Abbey Road*. As melodias dissonantes e o experimentalismo das duas obras ainda hoje causam certa estranheza aos ouvidos. Ambos são lembrados também como o marco inicial do rock progressivo, que se desenvolveria na década seguinte. *Sgt. Peppers* foi o primeiro disco da história do rock em que um tema



central era desenvolvido em todas as faixas, como se fossem interligadas. Era o álbum conceitual, um dos principais formatos usado pelos grupos progressivos.

Are you experienced? foi o disco de estréia do guitarrista norte-americano Jimi Hendrix e sua banda. Ignorado em seu país e com poucos recursos de estúdio, Hendrix mostrou estilo e improvisação. Seu disco é um dos mais importantes da era psicodélica. Mais que servir de modelo para a criação posterior, ajudou a empurrar os limites do rock para novos padrões. Jimi Hendrix, Deus para qualquer candidato a *guitar hero*, botou energia e

cruzeza no modo de tocar como poucas vezes havia sido visto antes.

Contra a corrente

Porém, havia quem andasse na contramão do clima pacifista dos *hippies*. Os Doors estreavam com um álbum em que apareciam versos como “é o fim de nossos planos elaborados, de tudo que está em pé” - *The End* -. Jim Morrison declarava, por exemplo, que estava interessado em “tudo o que diga respeito à revolta, desordem, caos; especialmente em atividades que pareçam não fazer sentido”.

Seguindo uma linha semelhante, o Velvet Underground surgia com *The Velvet Underground and Nico*. Seus temas eram o masoquismo, drogas e prostituição, típicos do submundo de Nova Iorque, cidade onde o grupo vivia. O disco foi um fracasso de vendas, mas hoje é tido como influência dos punks e de bandas como Echo and The Bunnymen, Sonic Youth e REM. O vocalista e letrista Lou Reed chega a chamar a heroína de “minha querida” na música *Heroin*.

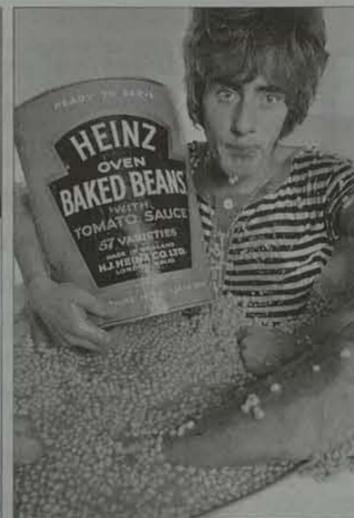
Mas ninguém nadou tanto contra a corrente quanto Frank Zappa. Crítico mordaz da psicodelia e das drogas, em 1967 ele lançou *We're only in it for the money*, cuja capa parodia a do *Sgt. Peppers*, dos Beatles,

e ironizou os *hippies* com a canção *Flower Punk*. Curiosamente, foi *Freak Out!*, o disco de estréia de Zappa - o primeiro álbum duplo da história do rock - que inspirou Paul McCartney a fazer *Sgt. Peppers*.



THE WHO SELL OUT

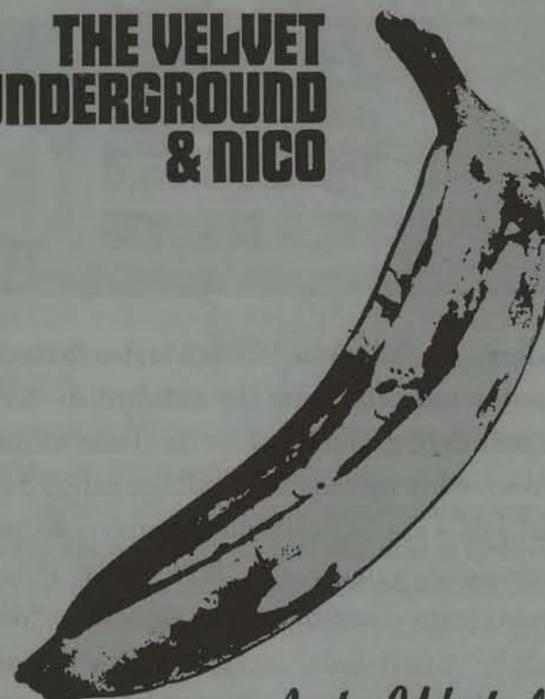
Replacing the stale smell of excess with the sweet smell of success, Peter Townshend, who, like nine out of ten stars, needs it, Face the music with Odorono, the all-day deodorant that turns perspiration into inspiration.



THE WHO SELL OUT

This way is a cowboy's breakfast. Daltrey rides again. Thanks to Heinz Baked Beans every day is a super day! Those who know how many beans make five get Heinz beans inside and outside at every opportunity. Get saucy.

THE VELVET UNDERGROUND & NICO



Andy Warhol

Ivan Jerônimo

a9418324@cce.ufsc.br

Patrick Cruz

a9518333@cce.ufsc.br

Chutando o pau da barraca

Há 30 anos, o Tropicalismo propôs uma revolução com rock e irreverência

Foi no III Festival de Música Popular Brasileira, promovido pela TV Record em 1967, que Gilberto Gil e Caetano Veloso lançaram as sementes do movimento que seria batizado de tropicalismo - a versão tupiniquim da contracultura, que então vivia seu auge na Europa e nos Estados Unidos.

As canções-manifesto *Domingo no parque*, de Gil, e *Alegria, alegria*, de Caetano - músicas que inauguravam a participação de guitarras elétricas num festival de MPB - di-

tarra elétrica, pelo visual extravagante, pela irreverência e pela improvisação.

O auge do tropicalismo ocorreu no ano seguinte, com o lançamento do LP *Tropicália ou Panis et Circencis*, verdadeiro divisor de águas da MPB. Com arranjos do maestro Rogério Duprat, e acompanhados por Gal Costa, Nara Leão, Tom Zé, os Mutantes, Capinam e Torquato Neto, Gil e Caetano gravaram um LP que mesclava influências que iam desde as músicas tipicamente brasileiras, passando pela bossa-nova e pela música erudita de vanguarda, até o rock psicodélico dos Beatles. Sem dúvida, uma geléia geral.

Em 1969, com o exílio de Gil e Caetano, o movimento acabou se esvaziando. No entanto, estava lançada a proposta. A partir daquele momento a música popular brasileira nunca mais seria a mesma.

Gustavo Klabunde

a9518317@cce.ufsc.br

Abaixo a imbecilidade

Em setembro de 1968, menos de um ano após a con-turbada estréia no teatro Record, os tropicalistas protagonizaram outra polêmica que entraria para a história da MPB. Caetano Veloso defendia a canção *É Proibido Proibir* na eliminatória paulista do Festival Internacional da Canção quando, em meio às intensas vaias que quase o impediam de cantar, resolveu atacar o público com um discurso inflamado. Gravado no lado B do compacto que continha a versão original da canção, o discurso feito de improviso por Caetano acabou se transformando num verdadeiro manifesto estético dos tropicalistas. A seguir, um dos trechos mais polêmicos:

"Gilberto Gil está aqui comigo para acabarmos com o festival e com toda a imbecilidade que reina no Brasil. Acabar com tudo isso de uma vez! Nós tivemos essa coragem de entrar em todas as estruturas e sair de todas. E vocês? Se vocês em política forem como são em estética, estamos feitos! E quanto ao júri: é muito simpático mas incompetente. Deus está solto!"



Cena de *Divino Maravilhoso*, programa tropicalista exibido pela TV Tupi, e que durou apenas dois meses



imagem: foto reprodução

vidiram o público que lotava o teatro Record-Centro naquela noite de outubro de 67. Àquela época, grande parte da classe média universitária nacionalista - público cativo dos festivais - era radicalmente contrária às influências estrangeiras na MPB. Essas influências eram vistas como uma espécie de "demônio imperialista", que utilizava o rock como linguagem e a guitarra elétrica como tridente. Resultado: as vaias foram tão intensas quanto os aplausos.

Porém, Gil e Caetano sabiam que a polêmica era ingrediente indispensável à revolução que propunham. Influenciados pelo disco *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, descobriram que um dos caminhos que poderiam levar a música brasileira à universalidade passava pelo rock e pela gui-

Cooperativa do Rock

Bandas de Floripa superam as dificuldades de se lançar no mercado

Salvo esporádicas iniciativas, as bandas florianopolitanas não costumam entrar no mercado sem apoio financeiro. A estréia do Dazaranha, por exemplo, foi impulsionada por R\$ 8 mil vindos da Fundação Catarinense de Cultura. Mas um projeto da Companhia de Cultura está provando que é possível se lançar por conta própria.

Em janeiro do ano passado surgiu a Cooperativa do Rock, reunindo 10 bandas numa espécie de selo independente - o Micróbio Gravasons. Cada banda se comprometeu em fazer 10 shows e vender 35 unidades de cada CD lançado, convertendo a arrecadação para a Cooperativa. "No começo, a idéia era motivo de piada, ninguém botava fé na gente. Mas, se ninguém se mexesse, muita banda não entraria no mercado tão cedo", lembra o produtor executivo Judas Iscariotes. Hoje, o selo conta com quatro CDs gravados. *O Parto*, do Primavera nos Dentes, e *Brasil Papaya*, já foram lançados. *O Fim da Cidade*, do Rock'a'Rei, e a coletânea ao vivo *Rock em Movimento* são os próximos da fila. Segundo Iscariotes, as primeiras 1.800 cópias de *O Parto* já esgotaram e o Primavera pediu uma nova tiragem.

"O maior problema ainda é não ter um esquema de distribuição. As propostas feitas pelas grandes distribuidoras são cretinadas", reclama Iscariotes. Geralmente, os contratos oferecem 6% das vendas para as novas bandas; a maior parte dos lucros fica com o selo e a distribuidora.

Atualmente, a cooperativa negocia a distribuição dos discos do Micróbio Gravasons com duas empresas. Iscariotes diz que os contratos só serão fechados se existirem vantagens para as bandas.

Enquanto as negociações não acontecem de acordo com os interesses da Cooperativa, seus integrantes recorrem a formas alternativas de vendas. Uma delas, o projeto *Resgate do Mecenaz*, possibilita que os interessados adquiram os 10 CDs e confirmem os 10 shows de lançamento por R\$ 90,00. Além disso, o valor pago por um título do Mecenaz pode ser abatido do Imposto de Renda, de acordo com a Lei de Incentivo à Cultura.

Papaya para o mundo

Na cola do Primavera nos Dentes, o Brasil Papaya lançou seu primeiro álbum, no dia 8

de agosto. Como em *O Parto*, o CD foi gravado no estúdio Creative Sound e com Philip Colodetti na co-produção. Também coincidindo com a estréia dos conterrâneos, a variedade de influências marca essa segunda gravação do Micróbio Gravasons. Mas as semelhanças acabam por aí.

Brasil Papaya é um disco instrumental firmado na técnica de Renato e Eduardo Pimentel (guitarra, violão, cavaquinho e co-produção); Adriano Rotini (baixo e violão); e Bruno Ghizoni

pelo estilo da banda também ajudou. "Apesar de gostar muito do Def Leppard (!), ele curti os discos de rock que a gente levou para se basear nos timbres".

Ano bom

A primeira apresentação em público do Brasil Papaya aconteceu em 94, no 3º Festival de Bandas New Time/Atlântida FM. Incentivado por amigos, o grupo se inscreveu no evento, de onde saiu com o segundo lugar. A partir daí,

além de se apresentar em outros festivais, a banda passou a fazer shows em Florianópolis, principalmente, e nas cidades vizinhas. Mas 97 está sendo o ano mais promissor da carreira dos quatro.

Além do lançamento do CD, o Brasil Papaya participa do primeiro clip catarinense a ser filmado em película (16 e 35mm). *Matando a Inocência* é o segundo vídeo-clip da banda - o anterior, *The Hearts End... The Dreams*

Begin, foi feito em SuperVHS, na FURB.

Realizado pela Mané Filmes, o vídeo contou com a direção de fotografia de Newland Silva, câmara de *O Qu4trilho*. Segundo a equipe da Mané, a produção está em fase final, restando somente a edição, que será feita na Edit Box Henry, de Buenos Aires.

Outro acontecimento significativo para a banda foi o patrocínio fechado com a Groove Tubes. A marca californiana de amplificadores, microfones e válvulas também é usada por Eric Clapton, Aerosmith, Kiss e Van Halen. "O patrocínio rolou porque o representante da Groove Tubes achou que o som proposto pela gente tinha tudo a ver com os aparelhos da marca".

A banda Brasil Papaya



Mara Santos

foto divulgação

(bateria e pandeiro). O disco traz porções de blues, rock, chorinho e de influências do antigo repertório de covers da banda, como Joe Satriani, Santana e Steve Vai. Enquanto o violão de *Caruru do Sul* apresenta um som nordestino, *Burst In* é uma fusão de bandolins com distorção e jazz. *Mamão Blues* faz jus ao nome, até sua segunda metade, quando começa um duelo de guitarras inspirado nos anos 70.

A qualidade da gravação também se diferenciou, positivamente, da de *O Parto*. Renato, que é engenheiro de som e de gravação do *The Magic Place Estúdio*, fez uma visita ao Creative Sound antes do início das atividades. "O fato de checar o estúdio contribuiu. Mas o mais importante foi ter chegado com o material pronto e os arranjos finalizados", diz. Segundo ele, estão no CD as mesmas músicas da demo da banda. "Inclusive, Lila e o final de Hello!!! (conversa de guitarras ao telefone) foram gravados direto da demo", completa.

A simpatia do co-produtor Phillip Colodetti

Ramiro Pissetti

a9518300@cce.ufsc.br

Barbuda faz pornografia na Ilha

Vídeos e CDs são produzidos na praia da Armação

O primeiro e único filme pornográfico produzido na Ilha de Santa Catarina surgiu da cabeça de dois cariocas que moram aqui e estavam querendo trabalhar com multimídia. Os irmãos Fonseca já possuíam uma pousada na praia da Armação, no sul da ilha, quando compraram um computador e o programa *Tool Book*, software usado na criação de CD-ROMs. De-

tinha nenhuma prática em direção. "Nós usamos o bom senso e filmamos muita coisa. Deixamos o pessoal bem a vontade, com música e vídeo, pois não dá para seguir um roteiro. O filme é feito na edição", conta Marcos. Nas filmagens foi usada uma câmara SuperVHS.

Este trabalho demorou oito meses, e o CD-ROM *Transe* foi lançado no mercado em

ca decidiram produzir outro CD, que teve suas filmagens feitas em maio de 96, na praia do Matadeiro. O lançamento deste segundo CD, o *Swing it!* ocorreu em julho de 96 e vendeu em torno de quatro mil cópias.

Neste embalo, surgiu a idéia de produzir também um vídeo, pois o material de que dispunham era suficiente para uma fita com

Metade de Vitor Vulcano, a entidade composta pelos irmãos Fonseca



Daniel Búrigo

a9518309@cce.ufsc.br

pois de um ano para aprender a usar o programa, decidiram criar a Barbuda Editora e produzir CD-ROMs. A escolha do tema ficou entre jogos e eróticos. A escolha se deu pelo erótico por ser mais rentável.

O diretor *Vitor Vulcano*, pseudônimo da entidade composta pelos irmãos Fonseca, não

outubro de 95, sendo o terceiro CD-ROM totalmente nacional a ser lançado no Brasil. A interface do CD foi produzida integralmente pela *Barbuda Editora*, permitindo a quem se utilize do CD editar as imagens que quer assistir, criando o seu próprio filme. Com o sucesso dessa empreitada, os irmãos Fonse-

mais de uma hora de duração. Finalizado e lançado no final do ano passado, com o nome de *Transe pegando fogo/Swing it!*, o primeiro filme pornográfico inteiramente produzido na Ilha chegava às locadoras. Com 84 minutos de duração e sem diálogos, conta

Continua na página 23

Filme revela talentos Ilhéus

Atores da Armação mostram seus dotes

Imagine-se lendo em um jornal o seguinte anúncio: "Procuro dois rapazes entre 18 e 30 anos que queiram passar dois dias sendo filmados transando de diversas maneiras com duas lindas garotas da casa de espetáculos Queijinho de Ouro. O resultado será um CD-ROM pornô vendido somente em Portugal. Pago R\$ 600,00 per capita. Tratar pelo fone..." O que você acha da idéia?

Será que esta oferta teria muita procura? Embora este anúncio nunca tenha sido publicado, a mesma idéia, proposta de forma diferente, já foi aceita nesta Ilha de Santa Catarina. M.S., 27 anos, trabalhador ocasional - o bico que mais tem feito ultimamente é o de servente de pedreiro - e A.M., 23 anos, pescador, ambos residentes na Praia da Armação, acharam a idéia interessante.

No final de 94, M.S. soube através de Raquel, sua namorada naquela época e secretária da Barbuda Editora, que estava sendo planejada a produção de um filme pornô na Armação. Os proprietários da editora procuravam atores da região, tendo até colocado um anúncio em um jornal da cidade. M.S. hesitou, mas ao saber que a Barbuda iria fechar com outro, decidiu participar.

Nesse primeiro filme, feito em fevereiro de 95, M.S. trabalhou sozinho, ou melhor, foram dois dias transando alternadamente com as duas atrizes selecionadas: Roxana, pseudônimo usado pela morena, e Andrezza,

pela loira. Esta trabalha, com o nome de Luíza, como prostituta na boate Gruta Dourada, altos da rua Felipe Schmidt, e a morena exerce suas atividades no bairro Estreito, também como garota de programa, atendendo a domicílio. A gravação foi feita em

rupções para ajustar o enquadramento da câmera e corrigir alguns problemas técnicos. "Eu fiz um teste com as garotas na noite anterior e durante as gravações sempre tinha uísque para a gente relaxar". O desempenho sem falhas como ator, e principalmente a técnica apurada de felação de Andrezza, são lembranças marcantes para M.S., fora o fato

da atriz morena ser casada e o marido não ter conhecimento da vida artística de sua esposa - o que talvez tenha sido o motivo dela ter desaparecido antes do final das gravações.

Dessa gravação bruta de nove horas, os irmãos Fonseca editaram o CD-ROM *Transe*, lançado em outubro de 95 e com cerca de 13 mil cópias vendidas em bancas de jornais de várias capitais brasileiras, inclusive Florianópolis.

Essa venda, segundo M.S., desrespeitou o acordo, pois o produto só seria comercializado em Portugal. Apesar disso, praticamente nenhum morador da Armação soube da participação de M.S. neste primeiro CD-ROM, fazendo com que a quebra do acordo não o preocupasse tanto naquele momento. Com o inesperado sucesso, a parceria entre Vitor Vulcano e PC Valente foi reeditada no início de 1996.

Para o segundo CD-ROM, os irmãos Fonseca contrataram duas garotas em Porto Alegre (novamente uma loira e uma morena)

Continua na página 23

Ator ilhéu em ação



Cena do filme *Transe pegando fogo/Swing it!*

uma casa alugada na Estrada Geral da Costa de Dentro, sul da ilha, endereço onde por algum tempo também funcionou a editora.

Uísque e maconha

M.S., que no filme tem o codinome PC Valente, sentiu-se à vontade, apesar do diretor Vitor Vulcano fazer com frequência inter-

O orgasmo

Mulheres e homens em busca frenética

A terapeuta sexual Adriana Alves Lunardelli alerta que quanto mais uma pessoa perseguir o orgasmo, mais longe ficará dele, pois o relaxamento é essencial. Além disso, se o orgasmo tornar-se o fundamental de uma relação, haverá perda da espontaneidade, dificultando o prazer. *"O corpo é todo erotizável, mas nós não o erotizamos: limitamos à genitália e ao orgasmo, sexo 'fullgás'. É uma trepada e não uma relação"*, critica Adriana.

Ela afirma que para muitas pessoas é mais fácil chegar ao orgasmo por masturbação do que numa relação, devido à dificuldade que elas têm em se soltar, mesmo as casadas há anos. Para uma vida sexual satisfatória, Adriana recomenda a técnica "FF": fricção e fantasia. *"O mais importante é a fantasia, o psicológico. Não precisa de um clitóris ou pênis, precisa de um cérebro"*.

Ao contrário do que se pensa, a ejaculação masculina não significa a obtenção de orgasmo. Para que isso aconteça, é necessária uma ejaculação com prazer. A ejaculação precoce é um exemplo típico de ejaculação sem orgasmo, e sua principal causa é a ansiedade. Por outro lado, muitas mulheres acreditam na existência de dois tipos de orgasmo: o clitoriano e o vaginal. Esta teoria, formulada por Freud, já está ultrapassada. Adriana diz que não existe esta distinção. Orgasmo é um só, mas algumas mulheres precisam da estimulação direta do clitóris para obtê-lo, outras não.

Adriana é mais procurada por homens do que por mulheres. A faixa etária da clientela feminina varia dos 35 aos 55 anos, e os homens geralmente têm entre 20 e 45, podendo chegar até aos 65 anos. A terapia sexual tradicional focaliza o problema e não o paciente. Adriana faz outro tipo de tratamento, onde trabalha toda a vida pessoal do

paciente, analisando família, trabalho, chegando à vida sexual. Ela explica que, como são as crenças que formam os sintomas, esta é a melhor forma de tratar problemas sexuais. *"Os homens vêem o sexo como vestibular, que estão ali para provar para alguém, e não para ter prazer. Já a mulher, quando tem uma relação prazerosa, estraga a relação inconscientemente, porque não foi educada a ter prazer. A quantidade de repressão sexual da mulher dificulta o orgasmo"*.

A chegada da pílula

O surgimento da pílula anticoncepcional revolucionou a vida sexual das pessoas, principalmente mulheres, e atacou a ética oficial da Igreja, que afirma que a função do sexo é exclusivamente a reprodução. Deste modo, aquilo que antes da pílula já era mais professado do que praticado, ficou menos praticado ainda. O que segurou um pouco a revolução sexual foi o surgimento da AIDS. *"Antigamente era Deus, agora é a AIDS"*, comenta Adriana. Mas a atual sociedade capitalista e consumista quer gozo, que passou a ser um alívio das tensões e das frustrações. Para o Padre Aquilino dos Santos, a sociedade de hoje só quer *"ter, poder e prazer"*. Tudo que é bom, e mesmo o que não é, tem que ter mulher nua. Falar em celibato e dignidade é babaquice, segundo o padre.

Aquilino se baseia no sexto mandamento para falar de sexualidade. *"Não pecar contra a castidade"*. E diz que o sexo fora do casamento estaria agredindo as leis divinas. *"A sexualidade deve ser racional; diante dos instintos é irracional. Sexo faz a vida, e essa vida deve surgir do sexo e do amor, responsável e consciente"*. Aquilino acredita que o amor é racional, só sendo obtido através do casamento. O

sexo seria um complemento do amor mútuo. Deste modo, a camisinha é um símbolo do edonismo, ou seja, do prazer pelo prazer, que não é aprovado pelas leis divinas que regem a Igreja Católica. *"A Imprensa e a maioria das pessoas não conhece a fundo os ensinamentos da Igreja"*, acredita o padre. E afirma que só quem tem fé e conhecimento profundo de Jesus e de sua mensagem poderá aprovar ou desaprovar os conselhos evangélicos. E.M.A., 18 anos, é uma das que desaprovou alguns destes conselhos. Criada nos moldes católicos e bem informada sobre os ensinamentos de Jesus, iniciou a vida sexual aos 15 anos, mas o sentimento de culpa não permitia que ela tivesse prazer. Há alguns meses seu namorado chegou a acabar o namoro por causa disto. Então ela descobriu, fazendo uma auto-análise, que a culpa da sua vida sexual infeliz era da educação que teve. Depois disso, conseguiu quebrar as barreiras e hoje se considera feliz na cama e no namoro, chegando com facilidade ao orgasmo.

A prostituta Tuanny é uma prova de que sexo e casamento não são tão íntimos assim. Ela conta que 90% dos seus clientes são homens casados, que a procuram para quebrarem a rotina. Ou, muitas vezes, porque suas esposas não fazem tudo o que eles querem. Ao contrário do que se pensa, o trabalho dela não fica restrito ao ato sexual, pois muitos dos que a procuram estão em busca de companheirismo. *"É mais fácil desabafar com quem não se conhece, a relação não fica tão fria, e tem uns que continuam me ligando. Quanto ao orgasmo, já aconteceu, mas na maioria das vezes, sou é obrigada a fingir"*.

Sara Stopazzolli a9618340@cce.ufsc.br

Crônica

Eu, ela e os anúncios de Disque-erótico

Nunca tive um bom relacionamento com os finais de semana. As "sextas à noite" mal me cumprimentam. Os "sábados" só encontro de passagem, e de vez em quando. Os "domingos" não contam, com aqueles seus programas familiares ou televisivos de sempre.

Foi num desses que, com os olhos pregados na TV, algo me chamou a atenção: os anúncios de sexo por telefone. Dezenas. Sempre com garotas belíssimas e trilha sonora nem tanto; os anúncios ofereciam prazer, companhia. E até amor. *Sexo virtual, sexo seguro*, pensei. *Sexo sem graça*. Continuei a peregrinação pelos canais e notei que os anúncios se repetiam à exaustão. Competiam no mau gosto, na apelação de fazer as pessoas acreditarem que aquelas garotas "desejáveis" ganhavam a vida gemendo numa linha telefônica.

Achei aquilo tudo muito ridículo. E achei ainda mais ridículo quando me vi com o telefone entre as pernas discando um zero, novecentos sei-lá-o-quê.

Após duas chamadas, atendeu uma voz aveludada: *"Alô, quem está falando?"* Desliguei. Afinal, liguei para ouvir, não para falar. Se quisesse falar, ligaria para um amigo. Mas fiquei com aquela curiosidade mórbida na cabeça. *Só mais uma ligada. Só pra ver como é que é*. Apertei o botão que repete a última ligação feita. Um só botão me fazia sentir menos ridículo.

"Alô, quem fala?", repetiu a mesma voz aveludada. Pensei num milhão de nomes e disse um: Carlos. O meu. *Droga, não era pra dizer o verdadeiro*, pensei. Mas me tranqüilizei, afinal há tantos Carlos quantos serviços de disque-erótico. *"Carlos, o que você quer que eu faça?"*, disse a voz num atendimento nada personalizado, por sinal. Respondi que não precisava fazer nada, apenas falar, já que não estava a vendendo, mesmo.

A voz, indignada, perguntou por que eu achava que ela apenas falava, sem corresponder em atos ao que falava. Respondi o óbvio. Com centenas de ligações por dia, é certo que já lá pela quinta, ela esta-

ria pintando a unha ou tricotando um suéter. *"Mas não sou só eu que atendo"*, retrucou. Esperta. Fiquei sem resposta. E completou: *"Você liga e tem que usar a imaginação, a criatividade"*. Criatividade? Se eu tivesse criatividade não estaria em casa num sábado à noite.

A palavra criatividade ficou ecoando em minha cabeça até que tocou a campainha. Desliguei o telefone com o susto. Só então me lembrei: era ela. Eu a estava esperando há mais de uma hora. Minha companhia dos sábados. Quente, gostosa, fazia as noites de sábado especiais. Dividíamos a mesma cama, o mesmo tapete. Era um caso de anos. *Muzzarella* ou *Calabrezza*, sempre pedi pizza nos sábados à noite. Era uma forma de quebrar o gelo. E éramos só nós três: eu, a pizza e os anúncios de disque-erótico no final de semana. Nunca tive um bom relacionamento com os finais de semana.

Allayn Rothermel a9418300@cce.ufsc.br

A volta das malditas

Doenças ofuscadas pela AIDS assustam outra vez

Marisa tem 35 anos e o vírus HIV há dois. Apesar de morar com Carlos, sempre teve diversos parceiros sexuais. E foi com um deles que acabou sendo contaminada pelo vírus da AIDS. Já manifesta a doença, que a fez perder uma vista e muitos quilos. Marisa só descobriu ter o vírus quando contraiu uma pneumonia e sua irmã, desconfiada, exigiu o teste de HIV. Tornou-se evangélica juntamente com Carlos, um ex-viciado em drogas, também portador do vírus. Ele morreu há um ano e Marisa continua fazendo o tratamento com o coquetel anti-HIV.

Os nomes são fictícios, mas a história é verdadeira. Todo ano, milhares de jovens e adultos estão se infectando através de relações sexuais, que já são o principal meio de transmissão da AIDS. Contaminam quase três vezes mais do que as seringas e as transfusões de sangue, de acordo com os últimos dados do Ministério da Saúde. Mesmo sendo considerada a mais perigosa das DSTs - doenças sexualmente transmissíveis -, a AIDS não é a única e nem a mais comum. Outras DSTs estão tendo um alto índice de incidência não só em Santa Catarina, mas em todo o Brasil.

No ano passado, mais de 1300 pessoas notificaram seus casos à Secretaria do Estado de Saúde. Mas a maior parte dos casos nem chega ao conhecimento da Secretaria. De acordo com Nadmari Grimes, do Controle de DST e Programa Estadual DST/AIDS, as pessoas preferem procurar consultórios particulares ou farmácias quando descobrem algum problema. Isso causa o que se chama de subnotificação - casos que existem, mas não são comunicados, prejudicando as estatísticas. "A orientação que nós damos é que as pessoas devem procurar os serviços da rede básica de saúde onde tem programa de DST. Só assim poderemos fazer um estudo maior com dados precisos".

Nos postos de saúde especializados há uma ficha que deve ser preenchida com diversos dados do paciente e também de seu parceiro. A ficha faz parte do novo sistema que foi implantado pela Secretaria no começo do ano. Desde então, de acordo com Nadmari, houve uma pequena queda no número de notificações. Mas isso não significa que a situ-

ação esteja melhorando. "A diferença é que, com o novo sistema de avaliação, nós estamos nos preocupando com a qualidade dos dados e não apenas com a quantidade, como antes". O objetivo agora é traçar um perfil do contaminado e também do seu parceiro. "Nós

DSTs podem se manifestar dias, semanas ou meses depois

estamos trazendo o parceiro também para cá. Não adianta tratar um se o outro continua infectado".

O posto de saúde da Avenida Rio Branco, em Florianópolis, é especializado no atendimento de doenças sexualmente transmissíveis, e considerado um dos melhores do Estado. A enfermeira Jane Teixeira, uma das responsáveis, explica que o serviço tem prestígio por atender pacientes de forma rápida e eficiente. "Nós fazemos um pronto atendimento: aqui se consulta e faz-se os exames. O resultado sai no mesmo dia e o paciente já é medicado. A primeira dose do remédio ele já toma aqui". O serviço é totalmente gratuito, inclusive os medicamentos.

A enfermeira explica que as pessoas ainda têm vergonha de procurar o serviço, já que para muitos o assunto DST é um tabu. A maioria chega no posto de saúde com alguma queixa, como uma ferida, dor ou ardência. Quando é confirmada uma doença, a recomendação é a de que o parceiro seja avisado. "Nós não vamos chamar o parceiro para contar, já que muitos relacionamentos terminaram por causa de uma DST contraída por um companheiro infiel. O que nós queremos é quebrar a cadeia de transmissão".

De acordo com a enfermeira, o público não dá muita importância à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Jane explica que a preocupação maior é sempre a gravidez e outras questões acabam sendo deixadas de lado. Por isso, pensa que a principal arma contra as DSTs é a informação: "No colégio, na família. É muito importante os pais

orientarem corretamente os filhos, sem questões moralistas. Campanhas de conscientização são fundamentais".

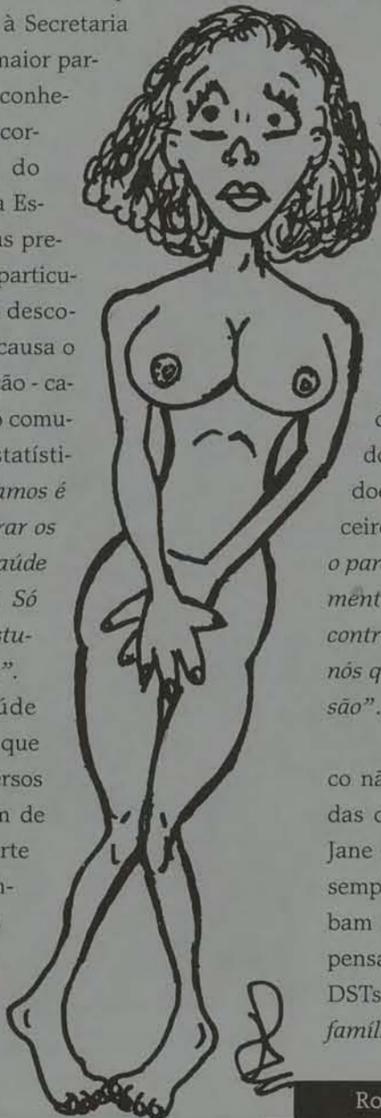
As doenças sexualmente transmissíveis são mais comuns do que se pensa. Muitas delas aparecem e somem sem a pessoa se dar conta. Podem ficar incubadas e só se manifestar dias, semanas ou meses depois. E o contaminado, mesmo não apresentando os sintomas, pode estar transmitindo a doença. O pior é quando a pessoa percebe algo errado e resolve se auto-mediar: "Os remédios tomados inadequadamente fazem com que as bactérias que transmitem essas doenças fiquem cada vez mais resistentes", alerta Jane Teixeira.

Mas nem todas as DSTs são transmitidas por bactérias. Uma das que aparece com mais frequência é o condiloma, causado pelo *Papilomavirus humano*, o HPV. A doença, que atinge tanto homens quanto mulheres, causa lesões semelhantes a verrugas na região genital ou anal, chamadas de "cristas de galo". Se não for tratada desde o começo (com cauterização química), pode ser necessária uma cirurgia. Além disso, alguns subtipos deste vírus estão relacionados ao câncer, principalmente do colo de útero.

Outra doença que também aparece com frequência é o herpes genital. Ele é causado por um vírus e não tem cura. Existem diversos remédios que são utilizados no tratamento do herpes, a fim de aliviar os sintomas. Mas a doença continua presente, em estado de dormência, e é desencadeada por uma série de fatores biológicos e emocionais.

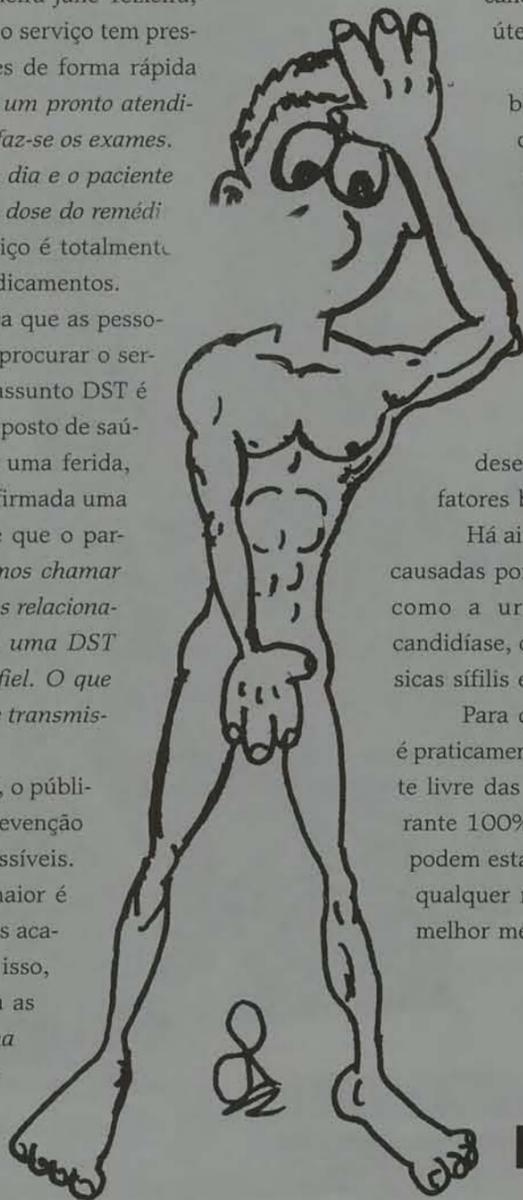
Há ainda diversas outras doenças, causadas por vírus, bactérias ou fungos, como a uretrite, a tricomoníase, a candidíase, o cancro mole, além das clássicas sífilis e gonorréia.

Para quem tem vida sexual ativa, é praticamente impossível estar totalmente livre das DSTs. A camisinha não garante 100% de eficácia, pois as feridas podem estar fora da área protegida. De qualquer modo, ela continua sendo o melhor método de prevenção.



Romeu Martins

coelho@cce.ufsc.br



Camila Manfredini

a9618308@cce.ufsc.br

CCA: cruzada a favor da fome

Comilões não conseguem resistir à geladeira

Sábado, oito horas da manhã, Joana vai para o fogão e começa a rotina de todos os sábados: cozinhar e comer, cozinhar e comer. De lá só sai às nove horas da noite. Só que desta vez estava comendo tanto que desencadeou um processo de bulimia, doença de fundo psíquico que faz uma pessoa empanturrar-se de comida e vomitar tudo em seguida. O pior: depois de vomitar tudo o que comeu, sentou na mesa e fez mais uma refeição.

Em Florianópolis, algumas pessoas que admitiram ter o impulso de estar sempre abrindo, irresistivelmente, a geladeira, vão toda quinta-feira nos fundos da Igreja do Rosário, no centro da capital, onde acontecem as reuniões do CCA - Comedores Compulsivos Anônimos. O CCA é uma irmandade que tem como objetivo dar um basta à compulsão de comer.

A maioria dos freqüentadores é mu-

lher, fato que, segundo a psicóloga Marisa Vieira, se atribui ao rígido padrão estabelecido pela moda, onde ser bonita é sinônimo de magreza. Mas as gordinhas não se intimidam: são assíduas e suas reuniões têm no mínimo 15 participantes em cada uma das três sedes na Grande Florianópolis, duas na ilha e uma em Palhoça. Os *Overeaters Anonymous* começaram a se reunir em 1960, nos EUA, baseados nos Alcoólicos Anônimos. De acordo com um levantamento recente da própria entidade, existem hoje no mundo cerca de nove mil grupos OA, sigla internacional. Quando a onda chegou ao Brasil, há 12 anos, foram batizados de CCA, chegando a Santa Catarina em 93. Hoje, no Estado, o grupo já está presente também em Blumenau, Tubarão e Criciúma.

Domingo, Joana já tinha perdido toda a

auto-estima. Procurava recompensar com a comida, que agora a dominava. Só ela sabia o que estava passando. Todos os regimes tinham sido tentados e ela agora dependia de remédios. Começou a comer e não parou mais. No final do dia chegou a uma conclusão: "Vou morrer". Decidiu, então, sair de casa com a intenção de poupar os três filhos da situação deprimente. Deu voltas e mais voltas pelo quarteirão. Vomitou duas vezes na rua e resolveu voltar para casa. O que aconteceu? Comeu tudo de novo. Foi quando percebeu que estava sem controle e resolveu procurar outro tipo de ajuda que não a dos médicos.

Para participar das atividades do CCA é necessário antes de tudo assumir-se um compulsivo. Ao entrar para um dos grupos, o novo membro escolhe uma madrinha ou padrinho,

Para participar das reuniões do CCA, é necessário assumir-se um compulsivo



Samanta Lopes

a9618339@cce.ufsc.br



peças mais experientes que orientam os calouros, explicando como proceder e como seguir as regras. Frequentadora do grupo há dez anos, a funcionária pública Regina, de 28 anos, é uma das madrinhas. Ela começou em Porto Alegre e diz que é importante esta figura para esclarecer alguns fundamentos aos recém-chegados. *“Tem gente que chega aqui pensando que vai se deparar com uma dieta e um monte de balanças”*. Na verdade, as pessoas estão no CCA para se libertar da obsessão por comida e conseguir resolver seus problemas sem ter recaídas. Regina também lembra que as madrinhas dão apoio às afilhadas durante a semana, pelo telefone. Se elas caem em tentação e pensam num pernil ou numa pizza calabresa fora das reuniões, por exemplo, ligam para suas companheiras para esquecer estes objetos de desejo, pois seu lema é: *“Evite a primeira mordida”*.

Joana ficou sabendo do CCA e decidiu tentar. Chegou lá, não foi pesada nem medida, então, perguntou-se como iria perder as gordurinhas num lugar desses. Quatro reuniões mais tarde, Joana compreendeu que a comida lhe tirava o equilíbrio a tal ponto que, antes, só pensava em ir na casa dos parentes para comer as tão proibidas guloseimas. Fora isso, só saía de casa em dias de chuva: *“Eu colocava a sombrinha na minha cara, assim não precisava falar com ninguém”*.

Durante os encontros os comedores compulsivos em recuperação são proibidos tanto de falar das tentações gastronômicas quanto discutir tratamentos de saúde ou aquela nova técnica de lipoaspiração, já que a associação não se preocupa com os aspectos médicos da obesidade. No entanto, fora dali, todos são livres para fazer o tratamento que bem entenderem.

Sem fins lucrativos e rejeitando todas as doações de fora, o pessoal da tesouraria apenas “passa a sacola” entre os integrantes e pede uma quantia de colaboração de no mínimo dois reais, para o pagamento do aluguel da sala e para a compra de alguma coisa para ser bebida na hora do intervalo. Nada de *milk*

shake ou de café: apenas meio copo de chá sem açúcar. Os livros e *folders* de divulgação são vendidos à parte e podem ser adquiridos na hora da reunião. Nos livros estão os principais textos e orações, que não são de uma religião específica, mas apenas valores espirituais. Além disso encontram-se os Doze Passos - que oferecem sugestões refletidas na experiência e na prática de antigos membros -, e as Doze Tradições, - que são princípios sugeridos para o crescimento do grupo em geral -. Ambos são provenientes do AA (pioneiro nesse tipo de associação) e tomados como base de recupera-

Anonimato é fundamental para grupos de auto-ajuda

ção em todas as outras associações anônimas registradas no WSO - Escritório de Serviço Mundial -, centro que proporciona um elo entre elas.

Entre imagens de santos e fotos do Papa, as integrantes do CCA começam a reunião. São cerca de vinte mulheres que se dão as mãos e rezam a oração da serenidade: *“Concedei-nos, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir umas das outras”*. Depois da prece, a coordenadora pede para quem está participando pela primeira vez que se apresente e conte sua história, se quiser. Nesta hora, as debutantes do CCA não precisam falar seu nome completo nem sua profissão.

A cada semana um texto relativo ao objetivo dos comedores compulsivos é lido. A paciência, por exemplo, foi um dos temas discutidos. Para elas, ser paciente é fundamental para se perder peso e parar de pensar no que vai comer nas próximas refeições. Então chega o momento das integrantes compartilharem suas experiências. Uma das comedoras em re-

cuperação, Rute, diz que vem trabalhando sua paciência e que se identificou muito com o texto do dia. *“Fechou direitinho com a minha vida, preciso ser mais paciente”*. Ela conta que descobriu recentemente que está com anemia, resultado de uma alimentação que, embora volumosa, é pouco equilibrada e sem horários. Já sua colega Marta se acha paciente até demais e acredita que isso tenha influenciado sua compulsão. *“Todo mundo reclamava dizendo que eu não reagia a comida, mas depois de entrar aqui estou bem melhor”*.

Joana, agora com 40 anos, tem outra vida.

Depois de três anos de convivência com o CCA, já fundou a associação que fica em Palhoça. Aprendeu a gostar de si mesma, resgatou sua vaidade, - *“Um dia fiquei com preguiça de comer só para não estragar o batom”* -, e ainda perdeu vinte quilos. *“Fiquei tão feliz, naquela semana, quando consegui tirar a aliança sem passar sabonete”*. Para ela, só quem passa por isso sabe o que significa perceber que os dedos estão magrinhos.

Carmem, coordenadora do CCA do centro de Florianópolis, diz ter também passado por uma experiência semelhante. *“Ontem chorei de alegria ao ver que os dedos do meu pé estão separados”*.

Mas quando a tentação bate à porta das gordinhas, elas tentam lembrar da filosofia do grupo: *“O dia de hoje é tudo que importa, só por hoje eu vou conseguir”*, e correm ao telefone para desabafar suas angústias.

Perto do horário de encerrar o encontro de uma hora e meia, Carmem lê os informes gerais que chegam da junta nacional dos CCA, abordando vários assuntos. No fim, a oração da serenidade é rezada novamente e um cartaz alerta os desavisados: *“Quem você vê aqui, o que você ouve aqui. Quando sair daqui, deixe que fique aqui”*. O anonimato é fundamental para que a associação seja dirigida pelos princípios e não pelas personalidades. Lá, você é o que é.

Mônica B. Ramos rbramos@matrix.com.br

Rafael Vieira Sens eduardof@matrix.com.br

Diário de Bordo

Hoje, perdidos no mundo dos anônimos

Reunião de pauta do jornal. Eu, o Rafael e a Mônica ficamos com a matéria sobre os Neuróticos Anônimos. Neuróticos? Que diabo é isso? Foi o que pensamos... Segundo o Aurélio, neurótico é toda pessoa que sofre de tensões e conflitos internos de várias ordens. Ou seja, um neurótico anônimo é aquele cara que tem vários conflitos internos e não quer se identificar, prefere ficar no anonimato. Bem, ter que entrevistar um bando de gente que se intitula como neurótico não deve ser uma tarefa muito fácil, pensei. E outra: se insistíssemos em entrevistá-los, poderíamos provocar outro distúrbio. Mas para mim não teria problema algum, eu era apenas a fotógrafa. Isso era, pelo menos, o que eu pensava.

Chegando na sede do NA, nos deparamos com uma surpresa: a placa dos neuróticos havia sumido e no lugar, outra tinha sido colocada. CCA: Comedores Compulsivos Anônimos.

Iiihh!!! Onde estavam os Nossos Anônimos? Será que eles já não existiam mais? Ou resolveram virar comilões? Entramos para perguntar e um senhor tocando músicas de igreja, num teclado neurótico, disse que as reuniões estavam sendo realizadas em outro lugar. Fomos no novo endereço e já estávamos atrasados. Perguntamos para o porteiro se o NA era realmente ali, para ter certeza que dessa vez não teria erro. Não queríamos entrar sem antes falar com um coordenador do grupo, mas o porteiro nos encheu tanto o saco, e todos já estavam ouvindo o que ele estava falando, que resolvemos entrar para não pas-

sar mais vergonha. Que coisa horrorosa!!! Mais de 30 pessoas pararam de falar e ficaram olhando pra gente como se fossemos dois loucos, ou neuróticos.

Sentamos e todos continuaram a nos olhar, até que um rapaz falou: "E os nossos novos amigos, não vão se apresentar?" Neste momento eu olhei pra frente e li no quadro negro na parede: "Só por Hoje - Narcóticos Anônimos". Comecei a pirar, estávamos perdidos no mundo dos anônimos e só por hoje eu gostaria de ser um. Eu olhava para o

Todos os anônimos, sem nenhuma distinção, são de difícil convivência, pelo menos naquele dia. É, acho que não era nosso dia de sorte.

Voltamos ao CCA, e eu esta com uma forte crise de personalidade. Não sabia se era fotógrafa, repórter, uma perdida ou uma neurótica. Só que, se naquele momento nós achássemos o verdadeiro NA, eu com certeza acabaria engrossando o córum. Lá perguntamos novamente e desta vez fomos mais claros: perguntamos pelo Neuróticos Anônimos e não

NA. Para felicidade de todos nós, que a estas alturas já não agüentávamos ouvir falar de grupos anônimos, as reuniões do NA haviam sido suspensas por falta de público, que era em média, de quatro a cinco pessoas. Naquele dia, talvez os neuróticos tivessem uma surpresa: dois novos membros participantes.

É, agora estávamos sem pauta e tínhamos adquirido uma neurose, a de procurar neuróticos

desesperadamente. E no final daquele dia quase perdido ainda tivemos uma outra surpresa, desta vez engraçada: quando passávamos pela 1ª DP da capital, um guarda, em frente a uma janela, corria numa esteira de ginástica. Meu Deus!!! O que uma esteira de ginástica está fazendo dentro de uma delegacia? Não sei, acho que ele também é um neurótico porque, ao invés de trabalhar como uma pessoa comum, fica malhando. Neste caso, ele tem duas opções: NA ou CCA. É, o mundo dos neuróticos é assim: você sempre se identifica com algum.



foto: arquivo ZERO

Rafael na expectativa de que ele explicasse o que nós, simples mortais não-anônimos, estávamos fazendo ali, mas infelizmente ele esperava o mesmo de mim. E numa fração de vários segundos ficamos roxos de vergonha. Poxa, eu era apenas a fotógrafa e não tinha obrigação nenhuma de falar. Acho que o Rafa acabou entendendo e começou a explicar, mas a essas alturas todos já estavam rindo da nossa cara. E quando souberam da nossa verdadeira identidade não-anônima trataram de nos expulsar rapidinho: "A reunião de hoje é estritamente fechada, vocês não poderiam estar aqui de forma alguma". Que vergonha!!!

Samanta Lopes

a9618339@cce.ufsc.br

Anônimos ao redor do mundo

As associações de compulsivos

Alcoólicos Anônimos

Quando o agente da bolsa de Nova York Bill W. e o cirurgião Bob S. se juntaram em 1935 para formar o que seria hoje o AA, provavelmente não imaginavam que depois de 60 anos a entidade contaria com dois milhões de adeptos pelo mundo. Os dois se conheceram no Grupo Oxford, de Akron, no estado americano de Ohio. O grupo, liderado por religiosos, ajudou os dois homens a pararem de beber e a perceberem que o alcoolismo era uma doença. Por isso, em 35, iniciaram um trabalho junto aos dependentes de álcool no Hospital Municipal de Akron. No mesmo ano, um outro grupo com o mesmo objetivo começou a atuar em Nova York e, em 39, também em Cleveland. Depois de quatro anos os três já contavam com cerca de 100 participantes.

No início de 1939, foi publicado o livro com a filosofia e os doze passos de recuperação dos *Alcoholics Anonymous*, escrito por Bill W. A distribuição desta verdadeira cartilha dos AA foi um ponto importante na divulgação da entidade. Ainda em 39 um jornal de Cleveland saiu com alguns artigos e editoriais favoráveis ao grupo, e em poucos meses o número de participantes na cidade aumentou de 20 para 500. Já em Nova York, foi a revista *Liberty* que em 1940 fez os AA nova-iorquinos chegarem a 2 mil até o final daquele ano. Seis anos depois foram adotadas as doze tradições, também escritas por Bill, tomando como base os dez anos de experiência. Em 1950, haviam mais de 100 mil alcóolicos recuperados mundo afora. Foi quando aconteceu a primeira convenção internacional dos AA, em Cleveland. Depois disso, foi criada a Conferência de Serviços Gerais de AA, que seria um órgão que centralizaria a administração dos grupos de toda parte, cuidando de questões mais globais. Na segunda convenção, em 55, em St. Louis, foram comemorados os vinte anos dos AA, e o sucesso da sua difusão pelo mundo.

Bill W., que fundou o primeiro grupo e escreveu os passos e tradições, morreu em 71 de pneumonia, em Miami, depois de ter participado das comemorações dos 35 anos dos primeiros encontros dele com o Doutor Bob S.. Hoje, os AA estão por toda parte, inclusive em Florianópolis, com livros em

quase todos os idiomas e servindo de modelo para outros grupos de anônimos que seguem os doze passos, tradições e os mesmos princípios criados pelos dois americanos.

Narcóticos Anônimos

Com o objetivo de reunir dependentes de drogas, o NA começou em 1947, em Los Angeles, nos EUA, chegando ao Brasil no início dos anos 80. Também muito difundido, conta com cerca de 20 mil reuniões semanais pelo planeta. Um último levantamento feito pela própria irmandade indicou que a maioria (64%) dos frequentadores são homens, na faixa etária entre 30 e 45 anos. Em Florianópolis o grupo se reúne nas dependências da Catedral, no centro.

Cocaine Anonymous

Presente apenas nos EUA, Canadá e Inglaterra, os dependentes de cocaína e outros alucinógenos começaram a se reunir em 82, em Hollywood, Califórnia. Com o lema Esperança, Fé e Coragem os CA têm mais de duas mil reuniões semanais, só na América do Norte. A próxima convenção internacional acontece no estado de origem e de mesma sigla, a Califórnia, em maio do ano que vem.

Jogadores Compulsivos Anônimos

Como nos AA, iniciou com dois ex-viciados na jogatina, em 57, em Los Angeles. Conhecido na América como *Gamblers Anonymous*, eles se espalharam pelo mundo estando em países como Etiópia, Islândia, Jamaica, Brasil, e é claro, na cidade americana

de Las Vegas.

E-mail: isomain@gamblersanonymous.org

Marijuana Anonymous

Os dependentes anônimos de maconha por enquanto só se encontram nos EUA, Nova Zelândia e Austrália. O MA nasceu de uma fusão de três grupos de apoio a viciados da Califórnia e um de Washington DC, entre 86 e 87. No entanto, só passaram a adotar os doze passos e tradições a partir de 89.

E-mail: info@marijuana-anonymous.org

Nicotine Anonymous

Outro NA, mas dessa vez para os fumantes inveterados dependentes da nicotina. Com sede em São Francisco, nos EUA, a associação conta com cinco grupos que se reúnem no Brasil, dois em Minas Gerais e três na capital paulista. O NA mantém uma publicação especializada com artigos e cartas falando sobre tabagismo, a revista *Seven Minutes*, que pode ser adquirida via Internet por 14 dólares. A convenção mundial acontece em abril de 98, em Dallas.

E-mail: jannati@juno.com

Sexualolics Anonymous

Com sede em Nashville, nos EUA, os SA reúnem pessoas que só pensam em sexo 24 horas por dia e acham isso ruim. Começaram a seguir os doze passos dos AA em 79.

E-mail: saico@sa.org

Mônica B. Ramos

rbramos@matrix.com.br



foto: arquivo ZERO

Clube da garrafa

Grupo de amigos se reúne para beber, conversar e rir

Conversa alta, palavrões e bebedeira. O que parece ser a descrição de um encontro de peões de obra em um bar é, na verdade, a reunião de respeitáveis empresários, profissionais liberais e pais de família, que toda quinta-feira se reúnem para beber e conversar. Eles fazem parte do *Parthenon Whisky Club*, a única confraria de apreciadores de uísque de Florianópolis.

O *Parthenon Whisky Club* foi fundado em março de 1996, por dois amigos, Humberto Branco, 23 anos, estudante de Administração, e Henrique Osório da Fonseca, 48 anos, diretor regional do Banco Santos, inspirado nas confrarias inglesas de bebidas. A idéia era criar um clube onde amigos pudessem beber e relaxar, na companhia de um bom uísque. *"Na verdade, nós fomos os precursores da idéia"*, afirma Fonseca. *"O clube foi fundado por todos os 30 sócios"*. Desde então, as noites de quinta-feira do bar do Parthenon, onde acontecem os encontros, têm sido mais animadas. *"Esse clube é muito organizado de segunda a quarta e de sexta a domingo"*, diverte-se o sócio Giancarlo Tomelin, 23 anos, empresário. *"Quinta à noite vira uma bagunça"*.

Clube do Bolinha

Como seus membros fazem questão de exaltar, o bom humor é a característica mais marcante da confraria. *"Aqui a gente se diverte muito"*, afirma Carlos Renato Cruz de Lima, 40 anos, administrador de investimentos. As reuniões são muito descontraídas e informais. Todos os membros dizem se sentir muito à vontade. Depois de algumas doses, piadas sujas e palavrões são o que não faltam. Tanto que a presença feminina é proibida. Mulheres podem participar dos encontros se convidadas, mas não são aceitas como sócias. Machismo? *"É que falamos muita baxaria"*, defende-se um dos membros. *"Seria constrangedor se alguma mulher ouvisse as besteiras que rolam nos encontros"*.

Apesar de se atribuir às mulheres a fama de fofoqueiras, os membros do Parthenon garantem que entre eles existe

muita fofoca. O fato de todos serem amigos íntimos contribui para o clima descontraído. *"Fofoca é sinônimo de brincadeira"*, explica Fonseca. *"Não tem sentido negativo"*. No clube do uísque, a amizade supera qualquer coisa. Ao chegar, a maioria dos sócios se cumprimenta com um beijo no rosto.

dos tem o mesmo valor. *"No clube somos todos iguais"*, acrescenta Tomelin.

Cada membro possui sua própria garrafa de uísque, a qual ele mesmo compra, de acordo com seu gosto. Cada garrafa possui uma etiqueta com o nome de seu proprietário. O membro que trazer algum convida-

Cada membro possui sua própria garrafa de uísque



Ramiro Pissetti a9518300@cce.ufsc.br

Igualdade

Para fazer parte do clube, o futuro sócio deve ser indicado por um dos membros e aprovado pelo resto por unanimidade. Na eleição, os sócios se reúnem ao redor de uma mesa e cada um recebe duas bolinhas, uma branca e outra preta. Caso alguém solte uma bola preta sobre a mesa, o candidato proposto é automaticamente descartado e não se fala mais nisso.

A hierarquia do clube é bastante simples. A administração é dividida entre um presidente, um diretor financeiro e um diretor de eventos. Os mandatos duram um ano e é proibida a reeleição para presidente. Para agilizar o processo de eleição, um dos membros desenvolveu um programa de computador que permite a votação eletrônica. A hierarquia é apenas simbólica. A opinião de to-

do deve oferecer do seu próprio uísque. Os sócios pagam uma taxa mensal de 25 reais, e uma parte dela é repassada ao bar do hotel. O restante fica na caixa do clube.

Nababismo

A cada dois meses os membros do clube e suas famílias se reúnem em um jantar de confraternização. Esses jantares se destacam pela fartura e ostentação. *"É puro nababismo"*, diz Fonseca. Carlos Renato complementa: *"Aqui a gente faz questão do bom e do melhor"*.

Gabriel Rocha

a9618320@cce.ufsc.br

Malu Echeverria

a9518327@cce.ufsc.br

LSD não causa dependência

Medicina não sabe explicar a substância lisérgica

Considerada a mais potente droga conhecida, O LSD (ácido lisérgico) começou a ser pesquisado há cinco décadas pelo químico suíço Albert Hoffman. Hoje, a droga é considerada de grande importância para o estudo de distúrbios mentais, mas seu meio de ação no organismo humano só é compreendida, ainda, através de hipóteses.

Em 1943, Hoffman, que trabalhava para os Laboratórios Sandoz, pesquisava um fungo que atacava o centeio. Ele constatou que o alcalóide *ergot*, como é conhecido o fungo *Claviceps purpurea*, estava presente também nas plantas *Rivea corymbosa* e na *Ipomea violacea* - que eram usadas como alucinógenos pelos índios Zapotecas na América Central.

Ao fazer experiências com o LSD-25 (Dietilamida do ácido lisérgico), a vigésima quinta substância extraída de uma série de testes com o *ergot*, ele ingeriu acidentalmente a droga sintetizada. Como não estava usando luvas, o ácido foi absorvido em contato com a pele. A partir de novos experimentos, Hoffman escreveu um relatório científico descrevendo as alucinações que experimentou depois das pesquisas. Este relatório chamou a atenção dos cientistas para a descoberta de uma droga capaz de alterar a percepção da realidade.

Uso terapêutico

Na década de 60 o ácido lisérgico era usado em psicoterapias nos Estados Unidos. O uso da droga era legal nesta época. O psicólogo Timothy Leary, da Universidade de Harvard, comandou uma campanha para o uso do LSD. Ele fazia experimentos com seus alunos, que participavam voluntariamente de suas sessões psicoterápicas onde a droga era consumida. O ator norte-americano Jack Nicholson, inclusive, chegou a participar das terapias com o psiquiatra Oscar Janiger, famoso entre os atores de Hollywood na época.

Entre os interessados pelo assunto, há os que acreditam que os seres humanos têm necessidade de vivenciar os paraísos artificiais ocasionados pelas drogas. É o que diz em seu livro *“As Portas da Percepção”* o escritor e humanista britânico Aldous Huxley. *“Houve viciados em drogas muito antes de existirem agricultores (...) a tentação de transcender a si mesmos, ainda que por alguns momentos, é e sempre foi um dos principais apetites da alma”*.

O LSD, droga sintética moderna, acabou por se tornar um dos marcos das últimas gerações. Influenciou a música, o cinema, as artes plásticas e os costumes. Este grande movimento ficou conhecido como psicodelismo. O pico do consumo desta droga foi um pouco antes da década de 70 com a *beatlemania* e a filosofia *hippie*. A contracultura influenciou e demarcou historicamente este período, em diversos países, inclusive no Brasil.

Uso esporádico

Segundo dados atuais do CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas), esporadicamente sabe-se do uso de LSD no Brasil. M.S., 22 anos, gostou de sua experiência com LSD. *“Foi válida pela alegria e correspondeu à expectativa que eu esperava de sentir tudo diferente”*, afirma. O estudante V.T., 22, diz que *“de início achava que teria muitas alucinações visuais, mas isto ocorreu apenas na última vez que eu tomei. O mais marcante é*

o aguçamento dos sentidos e a vontade incontrolável de rir”.

Para alguns a experiência com LSD desorganiza a mente, já para outros expande a consciência. Pesquisadores afirmam que muitas das mudanças no estilo de vida depois da ingestão do LSD são explicadas sociologicamente.

A médica Maria Cristina Pelaez escreve, em sua Dissertação *No mundo se cura tudo - interpretações sobre a cura espiritual pelo Santo Daime*, defendida no mestrado em Antropologia da UFSC, que *“na nossa cultura, as opiniões em*

A atuação do ácido lisérgico no sistema nervoso central pode explicar a manifestação destas neuropatologias e com isto melhorar o tratamento destes doentes.

O LSD permanece no cérebro durante um período de cerca de vinte minutos. Na corrente sanguínea só pode ser detectado até duas horas depois da ingestão. A maior parte da droga é absorvida pelo fígado e pelos rins. Apesar de ficar pouco tempo no corpo, o LSD, em comparação com outros alucinógenos, necessita de uma quantidade menor para ter efeito no corpo humano.

Doses vendidas da droga costumam ter de 50 a 400 microgramas, sendo que estima-se que uma dose faz uma pessoa “viajar” de oito a 12 horas. A dosagem é um milhão de vezes menor que um grama - um micrograma para cada quilo da pessoa (10⁻⁶g/kg). Uma pessoa de 70 kg, por exemplo, precisaria ingerir 70 microgramas.

Outras substâncias provocam efeitos similares ao do LSD, mas têm dosagens diferentes. A dose de *psilocyбина*, por exemplo, - substância extraída do cogumelo *Psilocybe mexicana* -, é 150 vezes maior (150 microgramas/kg) que a do ácido lisérgico. Porém, a dose depende da predisposição do indivíduo, de como o organismo reage à droga.

Flashbacks e overdoses

Segundo o CEBRID, o flashback é caracterizado como um efeito tóxico psicológico do LSD-25. Mesmo sem ingerir novamente a droga, depois de passarem semanas ou meses, a pessoa pode voltar a ter todos os sintomas psíquicos relacionados com a experiência psicodélica. Estas recorrências agudas têm sido ainda um mistério para os pesquisadores.

Dados recentes fornecidos pelo CEBRID mostram que mesmo doses muito grandes de LSD não chegam a provocar uma overdose - este estado é caracterizado pela ingestão de doses excessivas. Porém, a droga não chega a intoxicar seriamente uma pessoa, do ponto de vista físico. Alguns pesquisadores sugerem que uma verdadeira overdose só é possível com a ingestão de sete milhões de microgramas, isto é, sete gramas. Como para quem vende é difícil e caro medir a quantidade de ácido lisérgico, existe a possibilidade de vir uma dose maior ou menor, aumentando ou diminuindo o tempo de duração da “viagem”.

O LSD, por ser um derivado semi-sintético produzido em laboratórios, ao ser sintetizado pode conter impurezas. Talvez a pessoa não sinta o efeito do ácido impuro, mas pode ocorrer um efeito tóxico mais grave.

A substância pura apresenta-se na forma de cristais, como cápsulas, comprimidos e micropontos. O LSD pode ser também vendido em estado líquido, na forma de gotas absorvidas em papel mata-borrão e folhas de gelatina.

Edson Minatti, químico e doutorando da UFSC, estudou substâncias análogas à mescalina - conhecida anfetamina alucinógena - com o objetivo de estabelecer relação entre a estrutura química e a ação farmacológica, supervisionado pelo professor chileno Marcos Grolli. Segundo ele, sobre as drogas de um modo geral: *“Para se poder falar algo a respeito, é preciso conhecê-las. E como conhecê-las sem experimentá-las?”*



ilustração:
arquivo ZERO

relação aos agentes psicodélicos são sumamente controversas”.

Atuação neuroquímica

A hipótese mais aceita até o momento sobre atuação neuroquímica do ácido lisérgico é a que envolve receptores cerebrais (neuroquímicos - proteínas produzidas pelos neurônios). Segundo Reinaldo Takahashi, professor de farmacologia da UFSC, o LSD é considerado uma substância psicomimética, que simula o efeito de uma outra. Ou seja, produz uma função semelhante a de uma minúscula proteína do cérebro, chamada de receptor de serotonina (5HT₂). Este receptor neuroquímico é uma das partículas protéicas pelo qual a droga tem muita afinidade.

O LSD só tem efeito quando se liga a estes receptores neuroquímicos. Por isso, ele é chamado de uma toxina agonista - substância que se liga a um receptor fazendo com que ele ative uma série de reações.

Segundo pesquisadores da USP, o LSD simula estados de distúrbios mentais. Estes cientistas afirmam também que no futuro a ligação entre os alucinógenos e as substâncias produzidas pelos neurônios irá determinar a verdadeira função destas células cerebrais, o que talvez ajude ainda a compreensão das distúrbios mentais no ser humano.

Fábio L. Mayer

a9518316@cce.ufsc.br

Quem foi Luiz Travassos?

Quase todos os alunos da UFSC já ouviram seu nome

Travassos: esse moço comandava a agitação. Esta foi a polêmica manchete da revista Realidade de julho de 1968, que descrevia Luiz de Gonzaga Travassos da Rosa, o líder estudantil de 23 anos, presidente da UNE e acadêmico de Direito na PUC de São Paulo, da seguinte forma:

"Luiz Travassos é um moço magrelo, meio alto, de voz e sorriso muito calmos, mas que numa assembléia ou concentração de estudantes se transforma. Falando ele é um leão, dizem dele. Está sempre meio sujo, meio barbudo, só troca de camisa quando a noiva consegue quem vai encontrá-lo e manda uma. Dinheiro, está sempre sem nenhum".

Travassos vinha de uma família muito bem estruturada e com uma história de educação bastante formal, que incluía até uma incursão por um seminário. O líder estudantil se entusiasmou pela política quando cursava a Faculdade de Direito, onde foi secretário e presidente do Centro Acadêmico. Começou aí sua militância na Ação Popular.

Derrotando José Dirceu, atual presidente do Partido dos Trabalhadores, foi eleito presidente da União Estadual dos Estudantes de São Paulo. Daí para a UNE, o caminho foi natural. Em 1968, os estudantes eram bem estruturados e lutavam por ideais que superavam as questões acadêmicas. *"Na verdade, o que se discutia era qual a estratégia adequada para terminar com o capitalismo no Brasil"* – estas são palavras do próprio Travassos e que explicam bem que dimensão tinha o movimento estudantil. Discutia-se uma forma de revolução e a melhor maneira de chegar a ela. Eram revolucionários, reformistas, esquerdistas, conciliadores, as denominações eram inúmeras, mas o desejo era o mesmo: tornar esse país um lugar melhor de viver e crescer. Como líder estudantil, ainda em 64, Travassos passou a viver na clandestinidade.

Em 68, ainda clandestinamente, organizou o

XXX Congresso da UNE, que teria acontecido em Ibiúna, mas não foi realizado. Neste dia caíram praticamente todos os líderes estudantis, pelas mãos da polícia da repressão. José Dirceu, Vladimir Palmeira e Antônio Ribas são exemplos. Ribas foi morto posteriormente no Araguaia pelo exército.

Travassos ficou preso no Forte Itaipu, sob o comando do então coronel Erasmo Dias.

Sua libertação veio através de uma das ações mais conhecidas da resistência à ditadura: o seqüestro do Embaixador americano Charles Elbrich. Esse episódio da militância de esquerda ficou muito conhecido no país pelo livro de Fernando Gabeira, *O que é isso, companheiro?*, que conta toda a história do seqüestro e libertação do embaixador, e que recentemente virou um filme de Bruno Barreto. Travassos foi um dos libertados em troca do diplomata.

Foi uma libertação de fachada, pois na verdade eles foram banidos do país. Saíram da cadeia direto para o aeroporto onde, algemados, foram exilados para o México. No avião, a todo momento eram ameaçados de serem jogados no mar. Quando chegou no exílio, Travassos mandou um telegrama para a família que dizia apenas *"LIVRE – Abraços Luiz"*.

Mesmo no exílio no México, continuou a ser perseguido por elementos da repressão brasileira e sistematicamente ameaçado de morte.

Procurou refúgio então em Cuba. Ele, e outros líderes em situação igual foram recebidos pessoalmente por Fidel Castro e puderam então gozar de liberdade. Lá Travassos trabalhou no corte de cana e quando chegou o fim do prazo que tinham para decidir sobre a permanência optou por ir para o Chile, onde pôde depois de dois anos rever sua família.

No Chile casou-se com uma antiga namorada e trabalhou como fotógrafo no jornal *El Mercurio*.

Na ocasião do golpe militar contra Allende, pediu asilo à embaixada do México, de onde viajou para a Bélgica e depois para Berlim, na então Alemanha Ocidental, onde conseguiu asilo permanente.

No exílio foi pai pela primeira vez, com o nascimento de Barbara. E no exílio também se formou na Faculdade Livre de Berlim, em Economia.

Foram dez anos fora de seu país. Só pôde retornar em 79 com a anistia geral e pôde então ter um filho brasileiro – Carlos.

Como não poderia deixar de ser, o revolucionário retornou diferente. Afinal, dez anos tinham se passado e a luta tinha ficado muito distante.

Pôde perceber que algumas análises feitas na época não estavam corretas, como o fato de não reconhecer a importância das frentes legais de luta, como o MDB. O que importava para eles era fazer a revolução e não discutir sobre ela.

Não viveu para ver seus amigos de luta engajados na política partidária. Hoje quase todos os seus companheiros militam no Partido dos Trabalhadores e em outros partidos de esquerda. Morreu aos 37 anos numa colisão no Rio de Janeiro, numa terça-feira de carnaval. Uma morte absurda para quem se arriscara tanto pela revolução e em função dela tinha articulado sua vida.

Nunca Saberei

Conheci o Luiz um mês antes dele morrer. Eu tinha 17 anos e não podia fazer idéia de quem ele era. Para mim, apenas o filho de seu Geraldo e dona Cibele que havia retornado do exílio. Nossa primeira ponte de relacionamento foi um vício em comum – o cigarro. Todos os dias quando me acordava achava uma carteira do cigarro que fumava escondida atrás de um biombo na casa em que passávamos férias no Guarujá.

A partir desse pecadinho compartilhado começamos uma amizade que dura em minha lembrança até hoje. Dividimos cervejas e conversamos muito nos embalando nas redes que ficavam na varanda. Era uma pessoa de uma doçura incrível e tinha os olhos mais expressivos que já vi. Nunca falamos sobre a luta, sobre o exílio, ou sobre alguma coisa que me fizesse desconfiar da importância daquele homem gentil e atencioso. Só quando ele morreu é que aos poucos fui descobrindo o revolucionário que me dava cigarros. Quanto mais eu conhecia sua vida, mais crescia em mim a admiração por ele, principalmente por sua imensa simplicidade.

Fui com ele a um show do Ivan Lins, na areia da praia. Calado, ficava digerindo aqueles momentos e, com um sobrinho nos ombros, comentava não se conformar com a recente morte de Elis Regina. Ela é que deveria ter feito aquele show, mas morrera antes. Ele achava uma verdadeira sacanagem talentos morrerem jovens, porque empobreciam intelectual e sentimentalmente o país. Ironia. Em menos de um mês ele próprio seria vítima desta sacanagem. Até hoje tento imaginar o que estaria fazendo ele hoje. Já pensei tanta coisa! Nunca saberei.

Lastimo não ter podido fazer-lhe várias perguntas. Gostaria de saber mais sobre suas idéias. Não tive tempo. Infelizmente. Tento lhe cultivar na memória das pessoas. Esta é minha maneira de dizer-lhe da minha admiração por ele.

Lúcia Silveira

a8418315@cce.ufsc.br



Travassos empresta o nome ao nosso DCE

foto: www.source.com.br

Barbuda faz pornografia na Ilha

Continuação da página 12

com a trilha sonora instrumental da banda *Os Garmos*, uma reunião de músicos de bandas aqui de Florianópolis. Este filme chegou a ser eleito um dos melhores do ano pela revista *Guia do Vídeo Erótico*, concorrendo como melhor filme, melhor diretor e ator revelação, além de ganhar resenhas elogiosas das revistas especializadas.

Para Marcos, a experiência foi interessante, embora pouco rentável. *"Enquanto você compra os direitos de um filme americano ou europeu por mil dólares, para produzir um você gasta de cinco a seis mil"*. A dificuldade maior está na distribuição do vídeo, feita quase exclusivamente para as locadoras, enquanto o CD-ROM é vendido em bancas de revistas diretamente ao consumidor final, o que eleva o número de vendas.

A Região Sul, segundo Marcos, tem um potencial enorme na área dos filmes eróticos e poderia ser um grande centro produtor. O problema, diz, é que não há quem se interesse por este tipo de indústria. Os grandes centros produtores são hoje São Paulo e Rio de Janeiro, além de alguns estados do Nordeste, que contam com uma pequena fatia.

A Barbuda vendeu os direitos para a *Sexxy Editora*, uma das grandes do mercado de filmes eróticos no Brasil, e pretende trabalhar somente com CD-ROMs. Quatro já foram lançados e outros três estão previstos, todos da Série *Multiplexxx*. Os CDs, em média com uma hora de duração, são vendidos em bancas de jornais e têm agora uma embalagem mais simples, o que permite comercializar o produto pelo acessível pre-

ço de R\$ 11,90. *"Com essa possibilidade de baixar o custo para o consumidor final, eles vão se tornar a revistinha de sacanagem do século 21"*, profetiza Marcos. A Barbuda produziu também o CD *Planeta Surf*, lançado pela revista *Inside*, o que lhes deu uma referência entre a facilidade de comercialização de produtos eróticos e a dificuldade de vender outros tipos de CDs. *"Sobre este CD, o planeta Surf, que vendeu no máximo cinco mil cópias, saíram matérias e mais matérias, em vários jornais e revistas, enquanto que dos CDs eróticos pouca coisa foi divulgada e vendeu-se bem mais"*, conta ele, embora não pretenda desistir de outras formas de CDs. *"A idéia agora é diversificar a linha com infantis e educativos."*

Bruno Dorigatti

a9618307@cce.ufsc.br

Filme revela talentos Ilhéus

Continuação da página 13

que vieram acompanhadas da cafetina Débora. M.S. indicou um amigo seu para completar o quarteto, o pescador A.M.. Ele recebeu dos irmãos Fonseca o nome de Rocky Alexandre. Tatiana foi o nome dado à loira e Tábata, à morena. Débora e suas "filhas" chegaram numa sexta-feira de maio de 96 e, na manhã seguinte, começaram as filmagens, em uma casa alugada na Praia do Matadeiro, ao lado da Armação. M.S. conta que transava com as atrizes somente durante as gravações. Nos intervalos, as energias restantes eram gastas com a cafetina Débora. Rocky e PC afirmam que ficaram bem descontraídos. Para isso não faltaram uísque, maconha e muita comida, para matar a dupla fome. A.M. lembra que achava graça do fato de *"PC Valente e eu transar com elas de dia e ver o Marcelo (um dos irmãos Fonseca) beijá-las à noite"*.

Fala Rocky Alexandre!

Terminada a edição, em julho de 96 a Barbuda lançava seu segundo CD-ROM, *Swing it!*, que vendeu em torno de quatro mil

cópias. Não rendeu tanto quanto o anterior, e as despesas com o elenco foram maiores: cada ator recebeu R\$ 600,00; as atrizes, além da passagem e hospedagem, receberam R\$ 1500,00 cada, descontando-se daí a comissão da cafetina, por volta de 50%. Para arrecadar mais dinheiro, os irmãos Fonseca resolveram juntar o material dos CD's e lançar uma fita de vídeo. Assim, chegava às locadoras - inclusive na PCS Vídeo, com loja na Armação - o filme *Transe pegando fogo/Swing it!*

Graças ao rápido sucesso da fita na Armação, PC Valente e Rocky Alexandre tornaram-se o centro das atenções na comunidade. *"Eu passava e as pessoas me cumprimentavam: 'Fala Rocky Alexandre!', e sempre vinha uma gozação junto, mas recebi também muitos elogios"*, conta A.M.. *"Até no norte da ilha a galera me chamava de PC Valente"*, lembra M.S. Mas, para ele, o pior foi encarar a família. *"No começo a barra pesou, principalmente para mim que tenho um família*

religiosa". A.M. lembra o episódio com um sorriso no canto da boca. *"Tem parente meu que viu a fita, gostou da minha atuação e elogiou dizendo que pelo menos fiz o trabalho direitinho"*. O tempo foi acalmando a situação, mas não acabou com a revolta contra os irmãos Fonseca, que deveriam ter lançado os produtos apenas em Portugal. *"A gente não fez nada porque não tínhamos cópia do contrato. Marcos Fonseca defende-se das acusações: 'Eu avisei que eles iriam se tornar figuras públicas fazendo o filme, e que teriam que conviver com isto.'"*

Mesmo com estes percalços, os dois atores afirmam que não se arrependem do que fizeram. Muito pelo contrário: *"Se fosse só CD, até hoje eu estaria fazendo"*, diz M.S., que em 96 foi eleito ator revelação pela revista *Guia do Vídeo Erótico*. A.M., que também tinha planos de seguir carreira, recomenda: *"Para quem gosta, o filme é um prato cheio; para quem não sabe, é uma aula"*.

Matheus Boing

a9618330@cce.ufsc.br



O Direito evoluiu ou está faltando lugar nos presídios? As penas alternativas são realmente eficientes?

05

22

Luiz Travassos é o nome do DCE da UFSC. Quem foi e o que fez este "moço magrelo e de sorriso muito calmo"



Um ano crucial para a música. No clima *Summer of Love*, grandes lançamentos, guerra do Vietnã e movimento *hippie*

08

06

A lepra já foi motivo para isolar pessoas do convívio social. O que restou dos leprosários e das pessoas que lá estavam?



Uma doença étnica que só ataca açorianos, a *Doença dos Machado* é uma herança indesejável

03

20

Executivos descobrem a bebedeira e a conversa fiada na única confraria de apreciadores de uísque de Florianópolis

